



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA LEYLANE MORAIS DE ASSUNÇÃO

**O PODER DA PERSISTÊNCIA DE MULHERES-MÃES E UNIVERSITÁRIAS
NO CURSAR PEDAGOGIA NA UFPE- CAA: como flores de cacto em meio à
seca a desabrochar**

CARUARU

2021

MARIA LEYLANE MORAIS DE ASSUNÇÃO

**O PODER DE PERSISTÊNCIA DE MULHERES-MÃES E UNIVERSITÁRIAS
NO CURSAR PEDAGOGIA NA UFPE- CAA: como flores de cacto em meio à
seca a desabrochar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof^a. Dr.^a. Ana Maria Tavares Duarte

CARUARU

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Assunção, Maria Leylane Morais de.

O PODER DE PERSISTÊNCIA DE MULHERES-MÃES E
UNIVERSITÁRIAS NO CURSAR PEDAGOGIA NA UFPE- CAA: como
flores de cacto em meio à seca a desabrochar / Maria Leylane Morais de Assunção
- 2021.

88 p.f.: il.;30 cm.

Orientador(a): Ana Maria Tavares Duarte
TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Pedagogia -
Licenciatura, 2021.

Inclui referências, apêndices.

1. Mulheres-mães. 2. Universidade. 3. Trajetória. 4. Persistência. I. Duarte,
Ana Maria Tavares II. Título.

370 CDD (22.ed.)

MARIA LEYLANE MORAIS DE ASSUNÇÃO

**O PODER DE PERSISTÊNCIA DE MULHERES-MÃES-
UNIVERSITÁRIAS NO CURSAR PEDAGOGIA NA UFPE- CAA: como flores de cacto
em meio à seca a desabrochar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Aprovado em: 15 de dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria Tavares Duarte (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Carmo Gonçalo Santos (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^º. Dr. Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho às minhas filhas, Loren Morais e Luise Morais, que surgiram sem planejamento em minha vida adolescente e se tornaram minha força maior, motivos dos meus melhores sorrisos e do meu desejo inesgotável de ser melhor e maior sempre. Minha gratidão eterna por tantos momentos, por tanta cumplicidade, toda paciência, palavras de incentivo e por fazerem acreditar que esta realização era possível. Meu amor por vocês é a base de toda e qualquer conquista, tudo será sempre nosso, tudo será sempre por vocês. Amo vocês, amo escrever sobre vocês, nosso amor sempre será minha maior inspiração.

Mamãe ama vocês muito mais minhas meninas!

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo primeiramente a **Deus**, que me proporcionou vivenciar todos os momentos desta mágica experiência que é a vida. Sendo eles em meio a sorrisos ou lágrimas, tendo impacto e influência direta na mulher que hoje sou, apenas Ele conhece meu coração e os meus mais íntimos sonhos e vivo na certeza e fé de que os melhores se realizarão e tudo se inicia pela conclusão deste ciclo.

A minha **mãe**, Eleonora Morais, que não tenho dúvidas é a extensão de Deus no meu viver. Minha gratidão por sempre me acolher, guiar, cuidar, proteger, amparar e amar. Sua força, sua crença em mim, seu incentivo me trouxeram até aqui. À você que precisou abdicar de sua formação superior no curso de Pedagogia para se dedicar ao maternar e ser a melhor mãe, esta conquista é minha para a senhora, esta conquista é nossa, este diploma também é seu.

As minha **filhas**, Loren e Luise, as quais desde o nascer modificaram o meu ser. Que me ensinaram o valor do priorizar o acompanhar de seus crescimentos e cultivar bons sentimentos e tempo na construção desta união repleta de cumplicidade fruto do maternar. Agradecer pelo compartilhar de momentos repletos de sorrisos e toda paciência nos momentos que precisei me fazer ausente nas funções maternas para me dedicar à universidade. Por sempre me apoiarem com frases repletas de amor, “amanhã vai ser melhor mamãe e será 10”. “Você é muito inteligente mamãe, você vai conseguir”. “Mamãe, boa sorte pra terminar seu TCC”. Vocês não têm dimensão do impacto destas palavras em uma mãe que chorava de culpa no caminho de volta após as aulas, culpa por ter que deixar vocês, não queria sair às 17:30 de casa e voltar às 23:00 todos os dias, encontrar vocês tão pequenininhas, esperando pelo beijo de boa noite, mas era necessário e vocês mesmo tão bebês compreendiam. Vocês me impediram de desistir diversas vezes, vocês foram minha força para continuar. Entrei na Universidade por vocês, permaneci por vocês e estou concluindo por vocês, muito obrigada por existirem e terem me escolhido, obrigada por tanto amor para comigo. Esta trajetória foi mais bela e completa por ter vocês ao meu lado neste caminhar.

Ao meu **pai**, Laudenor Assunção e à minha **avó**, Lionete (minha Vó Nininha), que dedicou sua vida, desde o meu nascimento a me cuidar, a ser minha segunda mãe e que nunca nos abandonou, se fazendo presente em afeto, carinho, amor e dedicação. Sua sabedoria e seu bom coração sempre estarão comigo, sua existência sempre estará em quem sou.

Ao meu **irmão**, Laudenor Moraes, por todo companheirismo desde a infância e que se estendeu à vida adulta. Por sempre se fazer presente em minha vida e por extensão na vida de minhas filhas, por ser o melhor irmão, o melhor e mais dedicado “ti Zinho”, por todo cuidado, paciência e amor. Por ter dedicado 6 meses, um período da universidade, aos cuidados às minhas filhas todas as noites para que eu conseguisse frequentar as aulas, você foi essencial meu irmão.

A minha **avó**, Leonor Moraes, minha **irmã** Lenora Moraes e minha **sobrinha** Helena Moraes, obrigada por estarem sempre presentes e por serem presentes, amo vocês.

Ao meu namorado **Everton**, que como sopro de calma surgiu em minha vida e se tornou um ponto de apoio e amor na conclusão desta trajetória, meu melhor amigo, parceiro, um verdadeiro companheiro de sonhos, de planos, de sorrisos e da vida. Muito obrigada por tudo, amo você.

Minha gratidão aos meus **professores** que me guiaram na construção de uma base sólida que me proporcionou uma aprovação na Universidade Federal de Pernambuco, mesmo após 4 anos afastadas das salas de aula, dos estudos, para me dedicar à criação de minhas filhas.

Aos **professores que faziam parte da Escola Parque Nossa Senhora das Graças**, primeira instituição de ensino que frequentei e onde cursei toda minha Educação Infantil e Ensino Fundamental, lugar que abriu as portas do conhecimento para mim quando ainda criança. Que com a disposição de um espaço acolhedor, me garantiram uma construção do conhecimento baseado no afeto, no pertencimento e na segurança de um ambiente rico em saber e amor, muito obrigada a todos vocês.

Aos **meus professores que formavam a equipe docente da Escola de Referência em Ensino Médio de Panelas** dos anos de 2009 à 2011, a qual me proporcionou as experiências fundamentais de convivência com sujeitos diversos, suas particularidades e que me abriram os olhos para as possibilidades existentes no mundo e as conquistas a partir do ato de estudar. Por todo conhecimento adquirido, construído e por todas as experiências naquele espaço formativo, meu muito obrigada, os 3 anos naquela instituição foram indispensáveis para esta conquista, um verdadeiro privilégio.

Aos meus **amigos do Ensino Médio**, Aline, Isadora, Sandrielle, Rosane, Ivanilsy, Eliana, Gilberto, Allyson e Bruno meu amor e gratidão por todas as memórias construídas durante aqueles anos e nos anos posteriores dessa amizade eterna, amo vocês.

As minhas **amigas do Twitter**, Roberta, Maria, Gislayne, Moni, Bruna, Fátima, Karine, Vanessa e Isabel, meu obrigada por esta construção contemporânea de amizade. Há elos que não se explicam se vivem, vocês são incríveis, amo vocês.

Aos **queridos e admiráveis docentes, da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste**, por escancarem as portas do conhecimento, para uma jovem mãe, que se encontrava perdida em meio a tantas funções, vocês proporcionaram a ocorrência do meu encontro íntimo comigo mesma, e a isto serei eternamente grata. Na Universidade, no Campus do Agreste, que hoje chamo de meu lugar, eu me perdi de quem já fui, para encontrar quem sou hoje. Foi uma construção baseada no modificar-se, perceber-se, olhar-se, questionar-se e formar-se, a plena formação da universidade atinge quem somos internamente, o foco no profissional *que iremos ser*, atinge o cidadão social, político e principalmente quem somos, só vive a universidade quem se permite ser tocado, esta experiência nos forma por completo, nos acontece de fato.

A **professora Ana Maria Duarte**, minha querida orientadora neste projeto que de um desejo pessoal se tornou uma pesquisa acadêmica. Por quem nutro um carinho sem igual, mulher admirável, forte, que luta por suas causas e que faz de suas causas motivo de viver e existir. Muito obrigada por aceitar orientar esta produção e mesmo em meio a atribulações ser um presente nesta jornada, muito obrigada por tudo e por tornar este momento possível.

Aos professores que aceitaram compor esta banca, **professora Maria do Carmo Santos** e **professor Marcelo Miranda**. Meu muito obrigada por fazerem parte de momento tão especial.

A **professora Jaqueline Barbosa**, que foi fundamental para escolha da temática deste trabalho de pesquisa. A qual ocorreu a partir de suas aulas no componente curricular de Estágio em Movimentos Sociais e do seu relatório em forma de uma memória, na qual relatei minha experiência sendo mãe e universitária e fui tocada de fato e senti que precisava continuar a escrever sobre. Gratidão professora Jaqueline por me proporcionar a coragem para levar à academia o meu ser mãe e tudo o que isto envolve.

A querida **professora Maria Betânia Santiago**, que provavelmente não se recorde, mas que em um comentário escrito ao lado da nota me disse “Leylane, parabéns, pela elaboração”. Esta foi minha primeira avaliação na universidade e que eu considerei difícil pela quantidade de conteúdos e me culpei por achar que não havia estudado

suficientemente, após 4 anos sem o hábito de estudar, 2 gestações, precisando conciliar universidade e maternidade me corroía o pensamento de desistência e estas palavras me incentivaram a continuar, me mostrando o quanto eu era capaz, era o que eu precisava ouvir para seguir. Obrigada professora, por tantos ensinamentos partilhados, toda minha admiração e gratidão.

A amável professora **Orquídea Guimarães**, que com sua leveza e simpatia me fez crer na conciliação possível da maternidade e da vida e carreira acadêmica. Me proporcionando ensinamentos e momentos únicos e especiais, deixando saudades ao deixar o CAA, sentimos sua falta.

A **amada professora Ana Maria Barros**, uma mulher de diversas causas, lutas e conquistas, que me inspira a sonhar e acreditar no melhor do ser humano, obrigada por cada momento em aula, por cada oportunidade vivenciada, levarei para sempre seus ensinamentos.

As **professoras Iranete e Lucinalva** e ao **professor Nélio** que nos acolheram enquanto turma. Nos permitindo uma aproximação única e uma construção baseada na troca de conhecimentos, na apresentação da importância do foco para o aprendizado e do diálogo dentro e fora do espaço da sala de aula, gratidão.

A **professora Anna Rita Sartore**, que com toda sua elegância e cumplicidade conquistou todo o afeto da turma para si. Nos apresentando uma didática baseada no dialogar, nos fascinando por todos os conteúdos apresentados. Lembrar de Sartore é lembrar de paz e leveza no falar, no agir, no olhar, Sartore quanta falta nos faz. Muito obrigada por tudo, saudades.

A **querida professora Conceição Salles**, que com seu espaço da brinquedoteca nos fez mergulhar no que de fato é a infância e o brincar. Suas aulas são mágicas, sua didática é incrível e as suas aulas fantásticas. Obrigada por sempre acolher minhas filhas naquele espaço, gratidão.

As **quatro mulheres-mães participantes desta pesquisa**. Pela disponibilidade de sempre em todos os momentos, pela partilha e pela troca em cada resposta, em cada relato, em cada fala. Vi vocês em tudo, vi seus filhos em cada palavra aqui escrita, esta pesquisa que leva meu nome considero como nossa, pois só foi possível graças a vocês. Que as experiências aqui compartilhadas toquem a todos e que este passo seja apenas o primeiro a caminho de maiores realizações para todas as mães e seus filhos na trajetória acadêmica no CAA.

Ao caríssimo **Amós Santos**, com quem compartilhei muitos dos desafios e momentos de incertezas acadêmicas e que se tornou um amigo do filosofar ao vivenciar, da universidade para vida. Te desejo o melhor sempre, a você e sua esposa Lela, toda minha admiração e gratidão, você é inconfundível e incomparável caríssimo, meu coração se alegra com teu sucesso e toda e qualquer conquista tua, muito obrigada por tudo, te devo muito e tu nem sabe o quanto.

E por fim, mas não menos importante, **gratidão as minhas amadas amigas, Anna Gabriely Paes, Marília Gabryelly Garcez, Fabiola Arruda, Erica Monique, Gabrielly Neves e Raiane Maria**. As quais aprendi a amar e que se tornaram essenciais em minha vida pessoal e em meu caminhar acadêmico. Vocês que foram apoio em meio a uma greve, uma pandemia e que tornavam sempre os dias repletos de pressão por prazos de entregas de trabalhos e relatórios, dias mais leves. Sempre estarão guardadas em meu coração e memória nossas risadas, nossas frases, nossas fofocas, nossos sonhos, nossas viagens, nossas fotos, nossos surtos, nosso desespero compartilhado e todo conhecimento produzido, essa amizade repleta de sorrisos e planos acadêmicos. Temos muito a conquistar e sei que conquistaremos tudo, torço por vocês, pois sei que torcem por mim. Meu muito obrigada amigas, amo vocês, fé no Pai que o diploma sai.

Gratidão a **Universidade Federal de Pernambuco – CAA**, enquanto instituição e pela oportunidade de chamar este espaço de meu lugar e por ser parte de minha história.

MULHERES EM CÍRCULO

Vejo mulheres em círculos contando histórias fazendo ninhos.
Vejo mulheres de mãos dadas com joelhos no chão dando graças.
Vejo muitas mulheres, uma delas no meio, sendo por todas consolada.
Vejo mães e filhas, muitas gerações, todas elas, guardiãs das tradições.
Reconheço minha mãe honro ela e sua mãe e a mãe, da mãe, da minha
mãe...
Acolho todas elas, incluindo eu-menina e também a minha filha.
Me percebo parte delas, carregando suas conquistas bem como suas
mazelas.
Ergo as mãos ao alto e oro, rogo para que sejam curadas em mim todas
suas mágoas.
Levanto o corpo e danço celebro e agradeço cada um dos seus encantos.
Me despeço, porém,
Preciso entrar em mim descobrir quem realmente sou.
Mas levo cada uma comigo e voltarei, eu sei, para contar do sol e além!

(ALMEIDA, 2018)

RESUMO

O trabalho em questão se trata de uma pesquisa que tem por título **O poder de persistência de mulheres-mães e universitárias no cursar Pedagogia na UFPE- CAA: como flores de cacto em meio à seca a desabrochar**. Pretendendo a partir deste processo de construção escrita explicitar como se caracteriza a ocorrência da trajetória de mulheres-mães no espaço acadêmico da UFPE-CAA, tendo para isto com sujeitas de pesquisa 4 mulheres que são mães e universitárias neste espaço. Como forma de nos guiar na realização da pesquisa, apontamos como Objetivo Geral: Compreender o processo de ingresso e permanência de mulheres-mães no cursar Pedagogia na UFPE-CAA, evidenciando as dificuldades enfrentadas e os benefícios conquistados, já enquanto objetivos específicos consideramos Identificar o perfil de mulheres-mães-universitárias no cursar Pedagogia na UFPE/CAA e Descrever as possibilidades e as dificuldades do processo de acesso e permanência de mulheres-mães-universitárias no curso de Pedagogia UFPE-CAA. Esta pesquisa se qualifica enquanto do tipo qualitativa e buscando atender os objetivos apontados anteriormente adotaremos enquanto instrumentos de coleta de dados o questionário e posteriormente a análise de conteúdo nos baseando em Bardin (1979). Em busca de promover um diálogo acerca do acesso e permanência de mulheres-mães no Ensino Superior e as definições e características inseridas neste contexto, tomamos como base teóricos diversos, entre estes Bitencourt (2017); Louro (1987); Souza (2021) e Urpia; Sampaio (2009). Acerca dos resultados concluímos que as mulheres-mães que frequentam o curso de Pedagogia da UFPE-CAA, apresentam perfis diversos, mas todas quando questionadas afirmam que as maiores dificuldades de persistir na trajetória acadêmica são oriundas do ser mãe. Desta forma se apresenta como papel da universidade enquanto instituição macro o planejamento que envolva investimentos que garantam o acesso e a permanência destas mulheres no ambiente acadêmico, somados a ações de conscientização dos docentes e demais profissionais.

Palavras-chave: Mulheres – mães; Universidade; Trajetória; Persistência.

ABSTRACT

This study describes a research that has as its main title the Power of Persistence of Women/Mothers/University students in the Pedagogy Course at UFPE-CAA: As Cactus Flowers in the Midst of Drought Blooming. Intending from this process of writing construction to explain how the occurrence of the trajectory of women/mothers in the academic space of UFPE-CAA is characterized, having for this, as research subjects, four women who are mothers and university students in this place. As a way to guide us in carrying out the research, we point out as a general objective to understand the process of entry and permanence of women-mothers in the Pedagogy course at UFPE-CAA, highlighting the difficulties faced and the benefits achieved; as for our specific objectives, we consider identifying the profile of women/university mothers in the Pedagogy course at UFPE/CAA and describing the possibilities and difficulties of the process of access and permanence of those women. This research qualifies as qualitative and meets all specific collection objectives before adopting preserved data collection instruments and later a data analysis based on Bardin (1979). Seeking to promote a dialogue about the access and permanence of women-mothers in higher education and the definitions and characteristics inserted in this context, we take as our theoretical basis authors such as Bitencourt (2017), Blonde (1987), Souza (2021) and Urpia & Sampaio (2009). Regarding the results, we conclude that the women-mothers who attend the Pedagogy course at UFPE-CAA have different profiles, but all of them, when questioned, say that the greatest difficulties in persisting in the academic trajectory come from being a mother. In this way, the role of the university as a macro institution is the planning that involves investments that guarantee the access and permanence of these women in the academic environment, in addition to actions to raise awareness of teachers and other professional inside the university.

Keywords: Women-mothers; University; Trajectory; Persistence.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. APORTE TEÓRICO	18
2.1 Mulheres-Mães e a Universidade	18
2.2 Acesso e Permanência de Mulheres-Mães na Universidade	21
2.3 A Trajetória de Mulheres- Mães na Universidade.....	22
3. METODOLOGIA	25
3.1 Tipo ou Finalidade do Estudo.....	25
3.2 Técnicas de Coleta.....	25
3.3 Análise e Sistematização de Dados	27
4. ANÁLISE DE DADOS	29
4.1 Perfil Mulheres- Mães no Curso de Pedagogia da UFPE-CAA.....	29
4.2 Possibilidades e Dificuldades encontradas por Mulheres-Mães-Universitárias no Curso de Pedagogia da UFPE-CAA.....	35
4.3 Trajetória de Mulheres-Mães-Universitárias na UFPE-CAA.....	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICES	70
APÊNDICE A - Questionário utilizado como instrumento de coleta de dados.....	70
APÊNDICE B - Tabela de dados coletados a partir do questionário.....	77

1. INTRODUÇÃO

Esta presente produção se trata de uma monografia a qual apresentará uma pesquisa realizada como parte principal do Trabalho de Conclusão de Curso, de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste. Pesquisa esta realizada no ano de 2021, durante o período de estudos remotos como consequência do isolamento imposto pela pandemia do vírus COVID- 19.

Julgamos necessário destacar que adotaremos como temática principal a trajetória de mulheres mães enquanto universitárias no curso de Pedagogia, na UFPE-CAA. Compreendendo que as ações rotineiras de acesso a direitos básicos, como profissionalização e formação acadêmica se apresentam como maiores dificuldades para mulheres considerando a formação social histórica na qual estamos inseridos e continuamos a perpetuar costumes, a qual coloca o homem no centro como referência e único capaz de cumprir tarefas e ocupar diversos espaços. Em aspectos gerais, continuam mantendo a lógica androcêntrica, como destaca (Caetano, 2016).

Neste sentido se faz importante enfatizar que é a partir de lutas sociais encabeçadas principalmente por movimentos feministas que colocam em foco a necessidade de maiores oportunidades, de ocupação de espaços e protagonismo das mulheres, que se torna possível o acesso a direitos básicos como o voto, o acesso a profissionalização e a instrução acadêmica, conquistas que representaram avanços importantes na história do ser mulher.

Como visto,

A indignação feminina com sua situação de propriedade legal dos homens, marginalização da educação, salários muito mais baixos que o masculino, obrigação de casar-se, ou, então, a miséria e a intolerância destinadas às profissionais liberais solteiras, cria um contexto propício para a organização do sufrágio feminino. (TÁBOAS, 2011, p. 270)

Ainda tratando a visão machista e antiquada que apresenta mulheres como seres inatos ao desempenho de papéis ligados ao casamento e à maternidade, da mulher pronta para gestar, dar à luz, cuidar e abdicar de toda sua vida para ser mãe. Mulher esta que está fadada a esquecer-se de seus sonhos anteriores, seus desejos, ambições e planos, para viver tão e somente o “mágico materno”, engessa-se a mulher em uma única função social como se esta não conseguisse ser múltipla e ocupar diversos locais, retira-se da mulher sua identidade individual enquanto pessoa subjetiva, política e social,

demonstrando assim a necessidade de uma tomada de consciência e uma revolução como se caracterizou o sufrágio feminino.

Concomitantemente destacamos a importância de ações conscientizadoras que levem o meio social e familiar a compreensão da importância da existência de rede de apoio para estas mulheres-mães e assim oportunizar ações para que haja a possibilidade destas mulheres continuarem a buscar seus objetivos, serem sujeitas de suas vidas, pessoais, profissionais e acadêmicas.

Promovendo a continuação do protagonizar conquistas e decisões, sendo estas pautas importantes da luta por direitos das mulheres para que consigam ocupar espaços acadêmicos, sociais e profissionais, sendo primordial a implementação de políticas públicas, que “trata-se, de uma estratégia de ação pensada, planejada e avaliada, guiada por uma racionalidade coletiva, na qual, tanto o Estado como a sociedade, desempenham papéis ativos” (PEREIRA, 2008, p.96).

Considerando estes aspectos principalmente no contexto vivenciado atualmente no qual mulheres acumulam diversas funções, ocupam diversos espaços e são múltiplas em tudo que fazem e são, o ser mulher e suas características se apresentam como repletos de significados e é sobre tais características que nos debruçaremos nesta produção.

Neste contexto destacamos que consideramos como justificativa primeira a inquietação pessoal, a própria experiência enquanto mulher, mãe e universitária graduanda do curso de Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste. Se apresenta como principal motivação a percepção da necessidade de inscitos que coloquem a mulher que é mãe e ocupa o espaço universitário em foco, trazendo para o protagonismo suas experiências, sentimentos, percepções, necessidades e o conhecimento por estas produzidos assim como os seus filhos, que por vezes são a causa dos maiores desafios, mas concomitantemente a fonte de esperança, força e certezas do persistir, lutar e conseguir destas mulheres.

Ainda nesta perspectiva enquanto justificativa social consideramos a necessidade de conscientizar a sociedade que ainda é repleta de misoginia e machismo para os espaços diversos que as mulheres são capazes de ocupar e garantir a compreensão de que muitas das dificuldades e obstáculos por estas encontrados poderiam ser diminuídos ou aniquilados a partir de atitudes promotoras de respeito e equidade em todos os âmbitos. Atitudes como o pagamento de salários justos pelo trabalho desenvolvido, a divisão de tarefas domésticas e cuidado com os filhos e a luta por políticas de inclusão de mulheres,

mães nos espaços de ensino superior respeitando suas especificidades, não obrigando estas a escolher entre quais papéis exercer, mas sim oportunizando que a mulher desempenhe no tempo saudável suas funções sociais, não sentindo-se sobrecarregada, mas que ocupe quantos lugares desejar e que em todos estes haja respeito, empatia, que a mulher seja ouvida, acolhida e incluída.

Enfatizamos enquanto justificativa acadêmica a importância do debruçar, pesquisar e produzir sobre a vivência de mulheres mães no espaço universitário. Buscando evidenciar o poder emancipador e transformador da educação na graduação, capaz de modificar a vida desta mãe e por extensão de todos os seus, além de fornecer dados para fortalecer a inclusão desta temática enquanto discussão no próprio espaço universitário e acadêmico.

Fomentando a produção de pesquisas e produções que proporcionem uma maior compreensão acerca do tema e uma base teórica para que se iniciem estudos acadêmicos sobre as próprias experiências e necessidades descritas e apontadas pelas mulheres enquanto mães neste espaço. Oportunizando assim discussões na própria academia e o fortalecimento da luta para o surgimento e o cumprimento de leis e de políticas públicas que visem possibilitar e facilitar o ingresso de mais mulheres- mães no espaço da universidade assim como garantir a permanência destas.

Pretendemos que a partir do escrever sobre a solidão e o silenciamento vivenciados no espaço da universidade por mulheres-mães, este ciclo seja rompido e haja maiores investimentos no que concerne as experiências que são diferenciadas e necessitam de ações específicas como políticas públicas, políticas institucionais direcionadas por parte da universidade e revisão das práticas pedagógicas por parte dos docentes universitários.

De tal modo que busque a suprir algumas necessidades apresentadas por mulheres-mães e seus filhos, como acesso à creche, auxílio financeiro, acompanhamento psicológico e quando necessário flexibilização de horários e prazos sem prejuízo avaliativo, possibilitando que a experiência de “maternar”, pesquisar e produzir sejam positivas para estas mulheres que são mães e que estas possam escrever sobre suas vivências e introduzir na experiência enquanto universitária a persistência que o ser mulher e mãe ofertam a cada instante.

Tendo isto em vista, utilizaremos enquanto ponto de partida em nosso exercício de pesquisa:

PROBLEMA: Como se dá a trajetória de mulheres-mães- universitárias no curso de Pedagogia na UFPE-CAA?

OBJETIVO GERAL:

- Compreender o processo de ingresso e permanência de mulheres-mães no cursar Pedagogia na UFPE-CAA, evidenciando as dificuldades enfrentadas e os benefícios conquistados

Objetivos Específicos:

- Identificar o perfil de mulheres-mães-universitárias no cursar Pedagogia na UFPE/CAA
- Descrever as possibilidades e as dificuldades do processo de acesso e permanência de mulheres-mães-universitárias no curso de Pedagogia UFPE-CAA.

2. APORTE TEÓRICO

2.1 Mulheres-Mães e a Universidade

Sabendo que no que concerne ao cenário mundial acerca da presença das mulheres em espaços educativos, sociais e na participação destas em decisões políticas. O Brasil se apresentou desde os tempos mais remotos como uma força da desigualdade social e de gênero, o feminino visto sempre como menor e sua participação sendo baseada apenas em ser coadjuvante na existência masculina, de seu pai e posteriormente do seu marido, o direito a frequentar a escola chega tarde e ainda não se apresenta como garantia de melhorias em suas condições, pois a escola brasileira foi durante anos, “[...] local de formação diversificada para homens e mulheres e com objetivos diferenciados para cada um dos sexos” (LOURO, 1987, p.13)

Desta maneira a formação das mulheres baseava-se em prepará-las para o casamento, a maternidade e o lar, incentivando a permanência destas na esfera privada já aos homens cabiam as funções públicas, de trabalho e ocupação de cargos políticos e sociais, fatos que contribuía para o fortalecimento e manutenção das desigualdades de gênero já existentes. A forma de divisão do trabalho decorrente das relações sociais entre os sexos é adaptada historicamente em cada sociedade, mas prevalece a premissa de designação prioritária dos homens à esfera produtiva, e conseqüentemente, ao espaço público e de poder, e das mulheres à esfera reprodutiva (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Assim às mulheres eram designados trabalhos que envolviam o cuidado, a presença destas no lar e em ambientes considerados similares ao espaço doméstico. Pois a normativa de proteção do trabalho feminino decorre de uma construção social baseada na divisão sexual do trabalho derivada de uma mentalidade predominantemente machista e patriarcal, em que a mulher é sempre considerada uma trabalhadora inferior, frágil em relação ao homem, necessitando de cuidados e “proteção” e que seu trabalho deve estar limitado aos cuidados do lar (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Nesta concepção mergulhada no machismo e misoginia existentes na organização social brasileira se baseia também o acesso das mulheres à educação, mais precisamente ao Ensino Superior. Fato que “no Brasil, o início da luta por esse direito data do século dezenove, mas será somente a partir dos anos 1960 que as mulheres brasileiras começaram a ter presença, de fato, no ensino superior.” (SOUZA; SARDENBERG, 2013, p. 4)

Mas acompanhado de extrema resistência e preconceito ainda pelo ser mulher, pois o menosprezo com que o feminino é tratado nesta conjectura trata-se também a aptidão destas para os cursos do Ensino Superior, à mulher não eram abertos espaços para cursos que preparassem-as para desempenhar profissões consideradas de renome, tanto que “as primeiras mulheres graduadas em Direito formaram-se no final do século XIX e encontraram grandes dificuldades para exercer a profissão”. (SOUZA, 2007, p. 79)

Nota-se que persiste a ideia de que a mulher nasce e desempenha bem papéis maternos, de ser esposa e dona de seu lar, funções do cuidar, neste sentido os cursos em que as mulheres tinham o direito ou eram consideradas aptas a exercerem a profissão estavam sempre inteligidos ao sentimento do cuidado, a ideia do instinto materno, do já nascer para desempenhar tal função. Como é o caso das licenciaturas, incentivando assim uma diminuição do ser professor, uma não valorização desta enquanto profissão, como afirma Pereira (1963), a degradação do magistério primário é um produto espontâneo do desenvolvimento urbano-industrial brasileiro, mas a identidade da profissão não se torna nítida porque a escola é vista como uma extensão do lar e não como um ambiente de trabalho.

Neste contexto a mulher consegue adentrar ao Ensino Superior para conseguir uma formação e ao mercado de trabalho desempenhando uma profissão, mas o trabalho doméstico continua atrelado a quem esta é, seja qual for o lugar que ocupe, a função que desempenhe esta se encontra sempre ligada ao seu ser mulher esposa e mulher mãe, como dito,

As atividades domésticas e de cuidado são distribuídas em razão dos vínculos do casamento e das reciprocidades parentais, e, com base nisso, as relações de subalternidade e opressão entre os sexos ainda se mantêm escondidas dentro das relações familiares, reservando às mulheres a esfera privada, marcada pelas relações de amor e cuidado para com a família, e, aos homens, os espaços relativos à esfera pública, bem como parte da provisão financeira (RAMOS, 2013)

Desta forma o estigma criado por ser mulher é frequente para todas, pois se trata de uma construção social e as tentativas de romper este pensamento se apresentam sempre frágeis ou insuficientes, à mulher é designado principalmente o papel de reproduzir e de cuidar, pois

De todas as conquistas das mulheres, a maternidade é a decisão mais complexa a ser tomada por elas. Mesmo com as atuais mudanças de conceito e percepção sobre a maternidade, esse ainda é seu maior desafio. A mulher assumiu novas posições,

transpôs barreiras morais e legais, mas gerar uma vida é uma função exclusivamente feminina (REZENDE, 2016, p.11).

Neste sentido julgamos importante destacar que mesmo após a conquista de ocupar espaços diversos, como a Universidade, juntamente com a busca por reconhecimento por funções desempenhadas e igualdade de direitos em comparação aos homens a maternidade se apresenta concomitantemente como uma questão complexa para as mulheres. Pois cabe a esta a decisão de gestar ou não outra vida em seu corpo e tal ato pode vir a gerar embates pessoais, sociais e todos envolvem questões ligadas ao gênero, pois o ser mãe pode ser compreendido como sinônimo de diversos sentimentos agregadores na mulher, mas também pode se apresentar como mais um fator fortalecedor da desigualdade entre os sexos, pois compreendemos que,

A perspectiva de gênero nos possibilitou abordar a maternidade em suas múltiplas facetas. Ela pôde ser abordada tanto como **símbolo** de um ideal de realização feminina, como também, símbolo da opressão das mulheres, ou símbolo de poder das mulheres, e assim por diante, evidenciando as *inúmeras possibilidades de interpretação do mesmo símbolo*. [...] um **símbolo construído histórico, cultural e politicamente** resultado das **relações de poder e dominação** de um sexo sobre o outro. Esta abordagem contribuiu para a compreensão da maternidade no contexto cada vez mais complexo das sociedades contemporâneas (SCAVONE, 2001, p. 132-143).

Como visto o avanço feminino em se fazer presente em diferentes lugares formenta as discussões acerca de assuntos que lhes colocam em protagonismo. O debate que enfatiza questões femininas como a luta por direitos, como a educação, o trabalho, como também a maternidade e suas múltiplas apresentações e significados na experiência do ser mulher nas vivências pessoais, sociais e formativas.

Pois as derivações da construção social desigual baseada nas questões de gênero acompanham as mulheres em todos os espaços que estas ocupam, seja no ambiente destinado ao trabalho, a formação educativa ou nos locais da própria sociedade. O ambiente em que se forma é impregnado pelo ideal social planejado e esperado para sua vida desde o seu nascimento, a mulher não consegue desprender-se do ser mãe ao adentrar no Ensino Superior, a mulher precisa reinverta-se e ser múltipla em todos os espaços que ocupar, pois estas são as funções que precisa desempenhar, funções que se espera do ser mulher.

2.2 Acesso e Permanência de Mulheres-Mães na Universidade

Considerando as experiências femininas marcadas pela resistência e persistência em toda a história da sociedade brasileira em busca de seus direitos, se apresenta como mais um destes desafios, o ingresso na Universidade enquanto oportunidade de conhecer um mundo novo de possibilidades, reconhecer-se neste mundo e no próprio mundo do qual faz parte, pois compreende-se que “[...] apenas a educação era capaz de tirar o gênero feminino da submissão a que estava relegado, e de dar às mulheres as condições necessárias para serem donas de seus destinos”. (DUARTE, 2010, p. 78)

Por isto ao se investir em educação pode-se dizer que se investe no ponto de partida para a superação dos preconceitos e processo de submissão aos quais as mulheres sempre foram impostas. Porém a mulher que ocupa uma vaga no Ensino Superior não abandona o seu ser mãe por torna-se Universitária, esta carrega em si as tarefas múltiplas que derivam do desempenhar diversas funções.

Assim,

O acesso ao ensino superior deve vir acompanhado de medidas efetivas que garantem a permanência dos estudantes nas universidades. Isso requer investimento considerável em assistência estudantil e depende do fortalecimento da educação pública em todos os níveis, fundamental, médio e superior. [...] (PAULA, 2009, p.19).

Neste sentido tão importante quanto garantir o acesso, através de investimento na educação desde a base, é o investimento na permanência para que esta se concretize no meio acadêmico. Destaca-se a importância do investimento em políticas públicas de acesso e permanência que atendam as demandas específicas das mulheres que são ou se tornam mães no decorrer da trajetória acadêmica. As políticas públicas de acesso ao ensino superior visando a inclusão social tratam-se de medidas compensatórias, visando equilibrar o acesso aos bens sociais, levando-se em consideração o princípio da igualdade na escolaridade, bem como na inserção profissional mais qualificada (CURY, 2005).

Ainda no sentido de buscar compreender e atender o que é posto quando se garante este acesso ao Ensino Superior, se apresenta como indispensável destacar a garantia da existência e acesso à programas de assistência estudantil a quem necessita. Pois somente a partir destas ações a permanência será de fato efetivada, portanto

[...] a assistência estudantil deve ser compreendida como um direito e seus recursos aplicados como investimento, pois suas consequências são a formação de jovens capacitados para desenvolverem-se e ocuparem papéis estratégicos na sociedade, efetivando a mobilidade social enquanto sujeitos emancipados (SILVEIRA, 2012, p. 48).

Assim tais ações de fortalecimento da presença e participação principalmente da mulher enquanto sujeita social no meio acadêmico se apresentam como garantias de que o papel de formação social da Universidade de fato será cumprido, pois

(...) a universidade pública sempre foi uma instituição social, isto é, uma ação social, uma prática social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições, num princípio de diferenciação, que lhe confere autonomia perante outras instituições sociais e estruturada por ordenamentos, regras, normas e valores de reconhecimento e legitimidade internos a ela (CHAUÍ, 2003, p. 01).

Desta maneira a Universidade assume desde o momento de sua criação um papel interligado ao contexto social, ao ambiente social ao qual está inserida e principalmente aos partícipes atuantes deste meio social. Sendo ao mesmo tempo que influenciada por estes uma influenciadora direta, a partir de seus estudos e dados científicos e a própria formação acadêmica que coexistente no ser social que é formado neste ambiente universitário. Tais características e concepções não se diferenciam no que diz respeito as mulheres que são mães e universitárias, pois estas ao adentrarem à Universidade são impactadas por este ambiente formativo e levam esta formação construída para o meio social onde vivem e para as relações existentes e as trocas vivenciadas.

2.3 A Trajetória de Mulheres- Mães na Universidade

No que concerne à trajetória destas mulheres que apresentam a maternidade como uma de suas especificidades no momento de ingresso no Ensino Superior, aponta-se que se faz necessário que a própria Universidade compreenda tal existência enquanto uma necessidade a ser atendida, segundo Urpia e Sampaio (2009) a mulher encontra-se em desvantagem na permanência na universidade, em razão de ser um grupo social com especificidades e que, portanto necessitam de atenção especial por parte da instituição.

Neste sentido podemos destacar a perpetuação e o fortalecimento das diferenças e desigualdades existentes em diversos contextos baseadas nas questões de gênero. (AQUINO; ARAÚJO, SANTOS; TAVARES, 2006, 2009, 2007, 2008) constataram que a vida acadêmica tende a ser mais adequável ao tipo masculino, no que tange lidar com

os usos do tempo. Assim, pode-se afirmar que no espaço da universidade existe e tende a persistir as desigualdades de gênero que são sentidas e vivenciadas pelas próprias acadêmicas que também são mães.

Mulheres-mães possuem dificuldades pontuais em suas trajetórias na universidade,

As acadêmicas, quando decidem conciliar carreira e maternidade, vivenciam conflitos em incorporar o discurso da produtividade focado na dedicação exclusiva para o fazer acadêmico, pois elas necessitam de tempo para atender a outras demandas como a família. [...] (BITENCOURT, 2011, p. 231).

Assim a exclusão tende a se fortalecer a partir da inexistência ações inclusivas por parte da Universidade, em sentido macro enquanto instituição e micro na prática pedagógica dos docentes e demais integrantes da universidade, complementado por ações efetivas de acolhimento, cuidado e oportunidades de permanência como políticas públicas de assistência estudantil, já que esta

[...] transita em todas as áreas dos direitos humanos, compreendendo ações que proporcionem desde as ideais condições de saúde, o acesso aos instrumentais pedagógicos necessários à formação profissional, nas mais diferentes áreas do conhecimento, o acompanhamento às necessidades educativas especiais, até o provimento dos recursos mínimos para a sobrevivência do estudante tais como moradia, alimentação, transporte e recursos financeiros (SOUZA, 2011, p. 3).

Tais aspectos característicos da política de assistência estudantil atendem muitas das necessidades de mulheres que são mães e a não existência ou a não garantia de acesso à este incentivo ao Ensino Superior acaba por se somar às dificuldades pré-existentes e por dificultar ou até mesmo impedir a permanência e a conclusão deste ciclo que se apresenta como oportunidade de formação, pessoal, social, política e profissional.

Visto que,

[...] a política pública é formada por um conjunto de diretrizes afiançadas por lei que possibilita a promoção e garantia dos direitos do cidadão, a assistência estudantil que se concretiza por meio dos serviços sociais se evidencia como uma política de direito, portanto não devendo ser entendida como assistencialismo, corporativismo ou caridade (SILVEIRA, 2012, p. 49).

Percebe-se assim que a assistência estudantil se apresenta como direito dos universitários que se encaixam nos perfis a serem contemplados e destes fazem parte

principalmente e duplamente as mulheres-mães. Enfatiza-se a necessidade de investimento financeiro e o acompanhamento por parte da universidade para garantir a efetivação desta política concomitantemente as consequências positivas como a formação plena destas mulheres que se farão presentes em diversos seguimentos e poderão aplicar tais conhecimentos adquiridos em suas atuações pessoais, sociais e profissionais.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo ou Finalidade do Estudo

Buscando conhecer e compreender a experiência oriunda do exercício de pesquisa proposto e com isso enriquecer tal aprendizado por intermédio da correlação entre teoria e realidade do objeto investigado, optou-se neste exercício de pesquisa por uma do tipo qualitativa. Desse modo, compreendemos a partir de Minayo (2001) que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha como o universo dos significados, dos motivos das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2001, p. 21).

Desta forma entende-se que na pesquisa qualitativa busca-se a compreensão dos significados das ações e atitudes expressas pelos partícipes pesquisados, fato que possibilita uma percepção das particularidades do assunto abordado. Neste contexto, dada a especificidade da temática estudada e da compreensão da dificuldade de sua quantificação, nos baseamos apenas na pesquisa qualitativa.

Tal exercício baseado no tipo qualitativo se apresenta indispensável em estudos com tais características pois é possível tanto a coleta de dados quanto a interpretação das repostas obtidas considerando a subjetividade de cada participante, colocando em foco o comportamento, as expressões, os sentimentos e opiniões por estas apresentadas, sendo características também do objeto de pesquisas no campo das ciências sociais, nas quais de acordo com Minayo (2001) o objeto é *essencialmente qualitativo*. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletivo com toda a riqueza de significados dela transbordante. (MINAYO, 2001, p. 15)

Neste sentido o que considera-se neste contexto é a própria experiência do entrevistado, suas vivências e como este compreende e o seu olhar a partir do vivido, o impacto e as consequências da ocorrência de tais momentos para quem se é individualmente e no coletivo no qual está inserido. Assim julgamos que tais fatores se apresentarão enquanto suficientes para nos aproximarmos e atendermos os objetivos propostos.

3.2 Técnicas de Coleta

Tendo como foco principal atender os objetivos, a aproximação das mulheres

participantes e a compreensão das experiências vividas no espaço da universidade, enquanto universitárias e concomitantemente de suas vidas enquanto mães e ainda o resultado de vivências derivadas do desempenhar estas funções, procuramos inicialmente uma aproximação para delimitar as possibilidades existentes tanto para que pudesse garantir a realização da pesquisa quanto a participação de todas as selecionadas.

Neste sentido o primeiro contato se deu pela rede social WhatsApp, em razão do contexto pandêmico em decorrência do COVID-19 não conseguimos realizar encontros presenciais. Nos baseando em contatos anteriores no próprio ambiente da universidade onde conhecemos e nos aproximamos destas mães, da apresentação de pontos específicos a serem respondidos para garantir a aproximação e para uma promoção do conhecimento do perfil destas mulheres e de características pontuais de suas experiências sendo mães e universitárias no curso de Pedagogia da UFPE-CAA.

Para tal, adotamos enquanto técnica de coleta de dados a fim de atender as necessidades explicitadas, a aplicação de questionário o qual entende-se como um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado. (GIL, 2002, p. 114)

A partir disto apresentaremos os dados coletados a partir de um questionário produzido na plataforma do Google Forms e destinado a 4 mulheres, mães e universitárias do curso de Pedagogia da UFPE-CAA. A fim de garantir as mesmas o anonimato necessário para proporcionar o conforto para a participação e o compartilhar das suas vivências a partir de suas respostas daremos as 4 mulheres nomes de flores de cactos, comparando assim suas jornadas na Universidade em meio às adversidades e obstáculos com o desabrochar de tão belas flores, que mesmo estando presentes em um meio hostil, sofrendo com a seca e a ausência de estímulos outros, ainda conseguem florescer.

Assim nomearemos como Sianinha, Violácea, Rebutia e Flor de Maio. Utilizaremos estes dados como base a busca pela compreensão da ocorrência da trajetória do ingresso à permanência destas mulheres/mães no espaço acadêmico, enfatizando as dificuldades e obstáculos existentes e impostos pelo meio de existência familiar, pela sociedade e pela própria universidade, trazendo a importância do acesso a esta formação para todos os aspectos das vidas destas mulheres.

Já no que concerne as questões em si, “a elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos. (GIL, 2002, p. 116) Promovendo assim a compreensão por parte de quem participa e a coleta de dados efetiva que se fazem necessários para abordar a temática principal,

responder a questão problema, atender aos objetivos e contemplar o todo do que está sendo pesquisado. O questionário quando forma de coleta única apresenta algumas regras práticas para facilitar tanto as respostas quanto a compreensão e posteriormente a análise por parte do pesquisador, assim “o questionário deve ser iniciado com as perguntas mais simples e finalizado com as mais complexas”. (GIL, 2002, p. 116) Para isso elaboramos 17 questões de múltipla escolha e 9 questões discursivas, pretendendo com estas fornecer espaço para que as entrevistadas compartilhem suas experiências e o impacto de cada vivência, em quem são hoje em todos os aspectos que as formam.

Pretende-se com isto garantir uma aproximação do sujeito de pesquisa mesmo que de forma indireta, onde as questões mais simples criem um cenário de conforto a partir de tais questões para somente a partir daí se adentrar no objetivo real da pesquisa, do que de fato se entende enquanto objetivo do estudo. Neste momento a participante já estará segura e habituada à dinâmica e fluirá de forma leve, assim o questionário se apresenta como nossa fonte de fortalecimento de aproximação com as sujeitas elencadas e com suas características pessoais e coletivas para esta participação.

3.3 Análise e Sistematização de Dados

Em nosso exercício e para fins desta investigação, utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo para tratarmos com os dados coletados. A Análise de Conteúdo é:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2010, 42).

Parafraseando Gil (2008), a análise de conteúdo se desenvolve em três fases principais, que seriam: a pré- análise; a exploração do material; e o tratamento dos dados, inferência e interpretação. Portanto, a Análise de Conteúdo é uma técnica de investigação que, por meio de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo presente nas comunicações/informações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações.

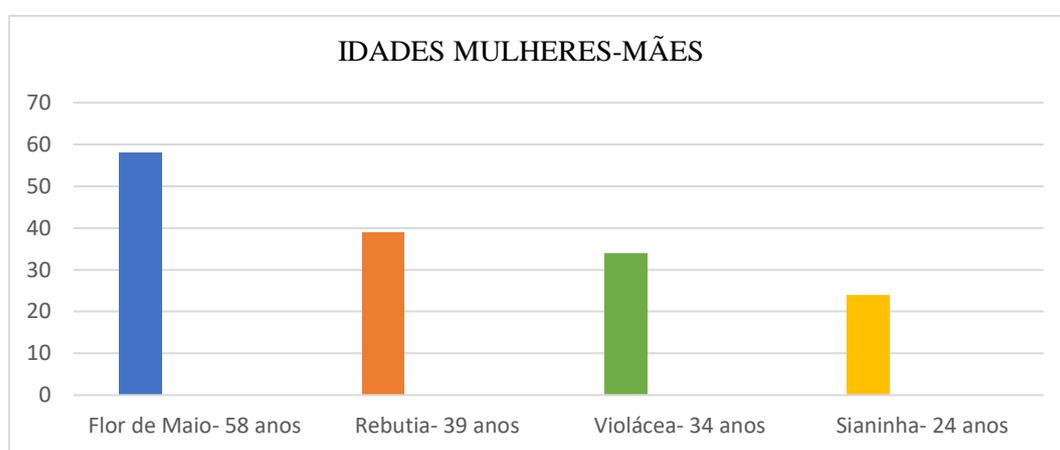
Por fim, em nossa pesquisa a análise dos dados coletados (pela aplicação do questionário) fora sistematizada e realizada conforme as categorias explicativas que surgiram do processo de produção escrita.

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1 Perfil de Mulheres- Mães no Curso de Pedagogia da UFPE-CAA

Pretendendo nos aproximar das mulheres-mães que assumiram o papel de sujeitas de nossa pesquisa assim como compreender as características de suas vivências e a realidade experienciada tanto na vida pessoal enquanto mulheres, materna enquanto mães, quanto sendo universitárias graduandas do curso de Pedagogia da UFPE-CAA, buscamos traçar um perfil pessoal destas a partir das perguntas realizadas no questionário tomando posteriormente estes dados como uma apresentação do coletivo que engloba o ser mulher-mãe-universitária no contexto existente e apresentado nas questões seguintes.

GRÁFICO 1 - Idades



Fonte: A autora (2021)

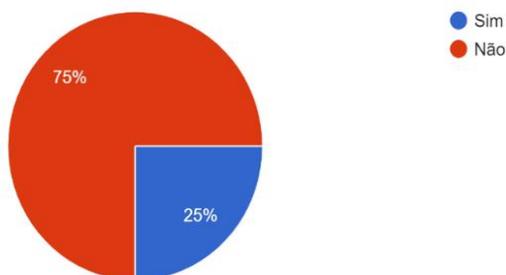
Assim a primeira questão referente à idade nos apresentou um conjunto diversificado com a média de idade variando entre 24 a 58 anos, com Flor de Maio com 58 anos, Rebutia com 39 anos, Violácea com 34 anos e Sianinha com 24 anos, consideramos que isto já se apresenta como um dado significativo pois demonstra que as mulheres que estão inseridas neste espaço acadêmico são diversas até mesmo na idade e carregam em si experiências e aprendizados diversos baseados no contexto social e histórico nos quais tiveram suas formações pautadas. É preciso que se incentive mulheres a ocuparem espaços, encorajando-as e fazendo-as perceber que não há barreiras intransponíveis, há caminhos possíveis, é necessário empoderar mulheres que carreguem em si histórias diversas para garantir que a tomada de consciência de quem são e de seus direitos oportunize “a articulação de interesses, a participação comunitária e lhes facilite o acesso e controle de recursos disponíveis, a fim de que possam levar uma vida

autodeterminada, auto-responsável e participar do processo político” (BAQUERO, 2005, p.39)

Apresenta-se como indispensável que as mulheres tenham consciência dos lugares que ocupam, que enquanto sujeitas individuais busquem progressos pessoais e enquanto coletivo entendam sua força para buscarem melhorias. Neste sentido o ocupar o mercado de trabalho se apresentou sobretudo como uma conquista política, não individual e sim coletiva das mulheres, por isso questionamos posteriormente sobre o estar no mercado de trabalho ou não, compreendendo o impacto disto na trajetória universitária destas mulheres.

GRÁFICO 2 - Trabalho Formal

Você tem emprego formal?
4 respostas



Fonte: A autora (2021)

Consequente quando adentramos nas jornadas vivencias pelas mulheres, 1 delas, Flor de Maio apresentou resposta positiva para a ocorrência de múltiplas jornadas, que englobam a divisão do tempo e do ser mulher entre as funções desempenhadas na universidade, no trabalho e no espaço doméstico (a maternidade, o casamento e ser a principal responsável pelo lar). Percebemos assim a ocorrência da tripla jornada feminina, caracterizada pela saída da mulher do espaço privado e sua entrada no meio universitário em busca de uma qualificação profissional e do próprio trabalho, sabendo que esta conquista de espaço se apresenta como significativa na efetivação de direitos e da busca pela emancipação, pois

[...] foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. [...] (BEAUVOIR, 1975, p. 449).

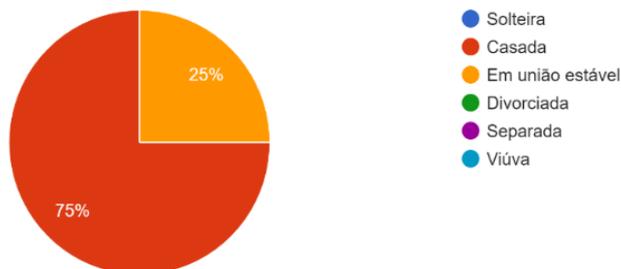
Assim o trabalho formal, fora do ambiente doméstico garante a mulher um sentido de independência, de não se apresentar mais socialmente como submissa ao homem, podendo também contribuir com as demandas financeiras. Esta saída do ambiente doméstico é vista como uma forma de superação, mas também escancara a diferenciação de julgamento que os trabalhos formais e domésticos sofrem, pois como sabemos,

Os afazeres domésticos não são considerados trabalhos por se tratar de atividades de manutenção das condições para a realização do legítimo trabalho; este sim, verdadeiramente produtivo, posto que se consubstancia em produtos com valor monetário. Além disso, esse trabalho é pago por meio de salário e realizado ao domínio público [...] O ocultamento das tarefas domésticas não parecem ser unicamente uma discriminação contra o trabalho realizado dentro do lar. Essencialmente, diz respeito à tradição e aos costumes da sociedade em relação ao papel feminino, ao qual secularmente foi atribuído o exercício dessas atividades. Seu lugar legítimo continua sendo referido ao lar (SAFFIOTI, 1987, p. 46).

Desta forma ao falarmos de mulheres há a ideia de que apenas ao saírem do ambiente domiciliar são consideradas trabalhadoras, as mulheres que por escolha ou por opção única permanecem no ambiente doméstico são silenciadas e apagadas da história pelos direitos e avanços, tais pensamentos acompanham o escrever histórico e se baseiam no contexto social de costumes e valores, onde o lar é o local da mulher. Neste sentido ao nos debruçarmos sobre as questões de trabalho no ambiente doméstico e fora deste e o impacto desta diferenciação de valorização como mostrado, julgamos importante, a fim de nos aprofundar nos perfis destas mulheres-mães, entender a situação do Estado Civil de cada uma respectivamente e posteriormente como se caracteriza a organização familiar em cada um desses lares, tendo como informações as respostas apresentadas.

GRÁFICO 3 - Estado Civil

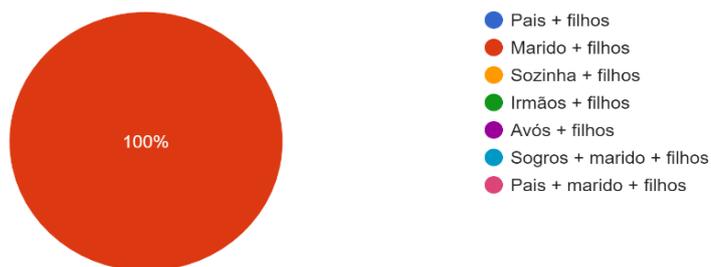
Estado Civil
4 respostas



Fonte: A autora (2021)

GRÁFICO 4 – Configuração familiar

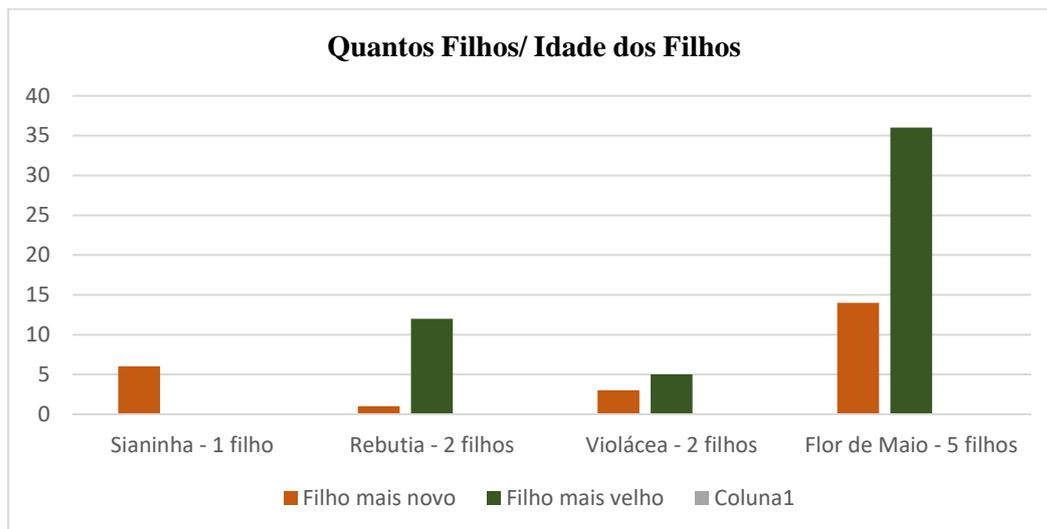
Com quem você mora?
4 respostas



Fonte: A autora (2021)

A partir de tais respostas compreendemos que todas as mulheres entrevistadas são casadas/estão em união estável, residindo na mesma casa que seus respectivos maridos e filhos, suas organizações se baseiam na denominada família nuclear, que se caracteriza pela presença do pai, mãe e filhos. Buscando prosseguir com a produção do perfil destas mulheres se fazia necessário conhecer a realidade que norteia esta pesquisa, o ser mãe, assim solicitamos as mulheres que nos fossem informadas a quantidade de filhos e as idades dos mesmos, pontos que conheceremos a seguir.

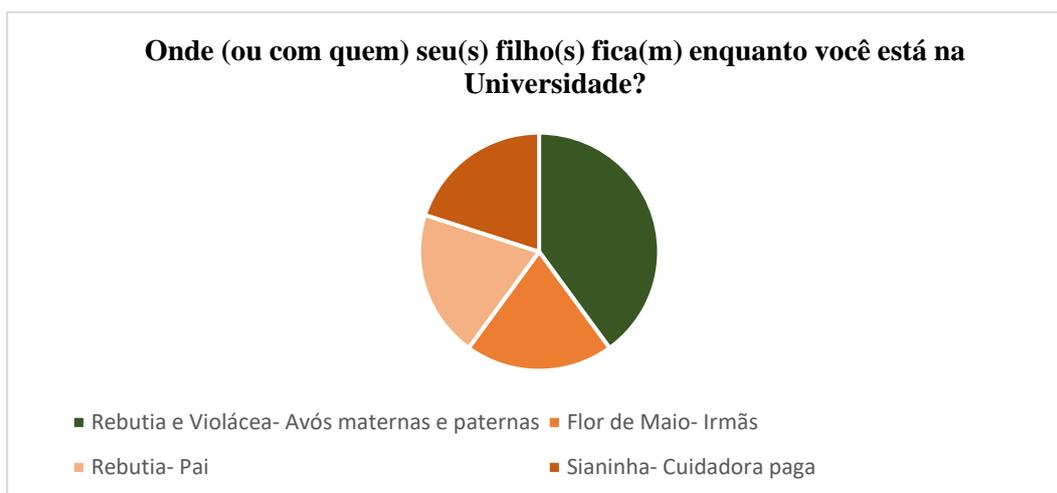
GRÁFICO 5- Quantidade de Filhos/ Idade dos Filhos



Fonte: A autora (2021)

Notamos a partir de tais respostas que a maioria das mulheres são mães de mais de 1 filho, havendo a variável de 1 a 5 filhos, sobre a idade percebemos que 3 destas são mães de crianças menores ou igual a 6 anos, e 1 possui filhos mais velhos. Considerando os dados anteriores envolvendo a organização familiar e os filhos, percebemos a importância de saber onde ou com quem ficavam estas crianças, filhos de mulheres universitárias, quando suas mães estavam no espaço da Universidade, cumprindo com as obrigações acadêmicas.

GRÁFICO 6 – Quem cuida dos filhos enquanto as mães estão na universidade



Fonte: A autora (2021)

Neste sentido mesmo optando por não questionar diretamente o envolvimento dos companheiros/pais nos cuidados com os filhos, percebemos que somente uma das mães explicitou a participação do pai enquanto a mesma frequenta a universidade, é importante destacar a compreensão que “Uma família igualitária, com uma divisão de trabalho que leve os homens a partilhar com as companheiras tanto as responsabilidades profissionais quanto as familiares e domésticas, é condição para a conquista da cidadania pelas mulheres”. (BRUSCHINI, 1994, p. 31) Tal fato do envolvimento do companheiro/marido/pai dos filhos se apresenta como fundamental para o incentivo e apoio necessários para que as mulheres que são casadas e mães sintam-se fortalecidas para romper a barreira do ser domiciliar e ocupar espaços públicos, em busca de sua cidadania enquanto ser subjetivo.

Analisando continuamente notamos que o cuidado com as crianças recai quase que em sua totalidade de tempo sobre as mulheres ao redor destas mães, como avós paternas e maternas e as irmãs mais velhas, que se apresentam como rede de apoio a estas mulheres e seus filhos. Como afirmado por Brito e Koller (1999), rede de apoio é um “conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo”.

Nota-se assim a importância da existência de redes de apoio significativas, que criem elos e oportunizem que as mulheres saiam do ambiente doméstico sentindo confiança e deixando seus filhos em segurança, em busca do ocupar espaços outros. Tal organização pode ser formada pelos pais, pelas avós ou até mesmo por parentes e indivíduos outros do convívio social sendo tal auxílio baseado no cuidado e justificado pelo afeto mútuo ou por benefícios diversos como financeiros. Sobre isto Scavone (2001) afirma,

Entre o modelo reduzido de maternidade com uma variedade crescente de tipos de mães (mães donas-de-casa, mães chefes-de-família, mães “produção independente”, casais “igualitários”) e as diversas soluções encontradas para os cuidados das crianças (escolas com tempo integral, creches públicas, babás, escolinhas especializadas, vizinhas que dão uma olhadinha, a maternidade vai se transformando, seguindo tanto as pressões demográficas, natalistas ou controlistas, como as diferentes pressões feministas e os desejos de cada mulher (SCAVONE, 2001, p. 149).

Percebe-se neste sentido que o desejo de estar inserida e de fato ser parte de espaços que diferem do ambiente doméstico, levam as mães a buscarem e criarem alternativas diversas para conseguirem se retirar do ambiente no qual estão historicamente

inseridas, conciliando com os demais que almeja ocupar.

Posterior ao contato com tais informações sobre o cuidado com os filhos e os dados das idades destes fornecidos anteriormente, percebemos que Sianinha fora a única a afirmar utilizar-se inicialmente da rede de apoio e posteriormente de recursos financeiros, *‘Geralmente com familiares no início, após conseguir o PIBIC¹ pagava um valor para que uma pessoa pudesse cuidar dela durante a noite quando estava em aula.’* (SIANINHA, 24 anos, 2021) para responder a pergunta *‘Onde (ou com quem) seu(s) filho(s) fica(m) enquanto você está na Universidade?’* (EXTRATO QUESTIONÁRIO, 2021), isto demonstra que ser mãe de filhos pequenos, requer um nível maior de organização para conseguir frequentar a universidade.

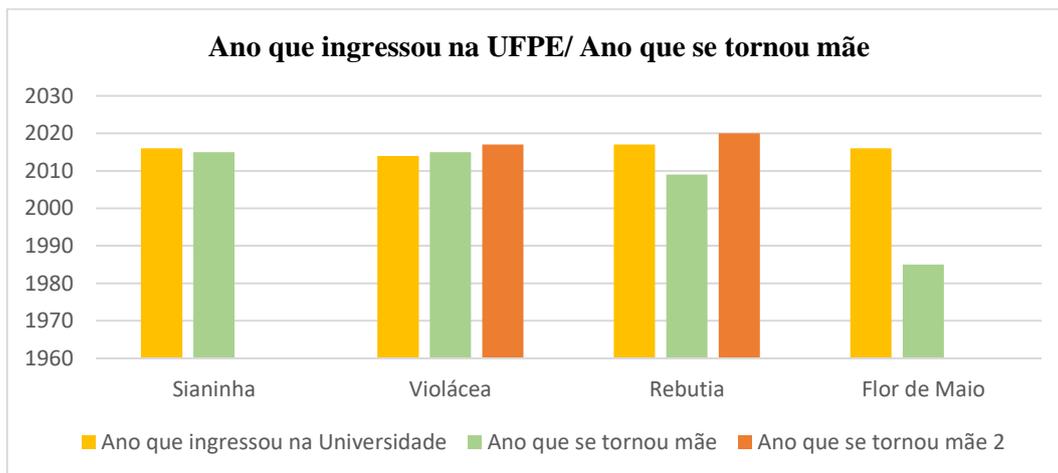
Concluímos assim que organização familiar implica diretamente nesta rede de apoio e estas mulheres que também são mães necessitam de um planejamento maior para ocuparem vagas na universidade, procurando confirmar isto buscamos entender o contexto, quando e como, se deu o ingresso de cada uma destas mulheres, assim como a organização e caracterização da vida familiar no período de ocorrência desta ação de adentrar no Ensino Superior.

4.2 Possibilidades e Dificuldades Vivenciadas por Mulheres-Mães-Universitárias no Curso de Pedagogia da UFPE-CAA

Neste tópico buscaremos dar continuidade as discussões acima iniciadas e compreender a partir dos relatos das mulheres-mães como ocorre o processo de acesso e permanência destas à universidade, destacando as possibilidades e as dificuldades encontradas e vivenciadas neste espaço. Para isso em nosso instrumento de coleta de dados, o questionário, optamos por fazer uso de questões de múltipla escolha e questões dissertativas pretendemos com isso abrir espaço para que as mulheres não apenas respondessem as questões propostas, mas sim, principalmente relatassem suas vivencias, suas jornadas, julgamos indispensável para isto entender o perfil destas mulheres- mães no momento do processo de ingresso ao Ensino Superior, para isto solicitamos algumas informações.

¹ O foco principal do **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)** é promover uma ênfase científica aos novos talentos que estão para se formar. (INPE, 2021)

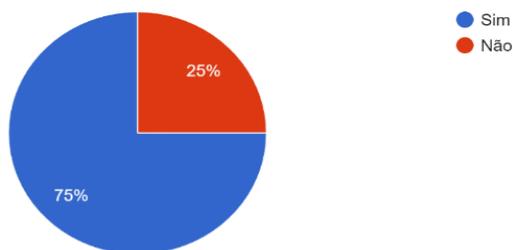
GRÁFICO 7 - Ano que se tornou mãe/ Ano que ingressou na UFPE



Fonte: A autora (2021)

GRÁFICO 8 – Já Ingressou na universidade sendo mãe?

Já ingressou na Universidade sendo mãe?
4 respostas



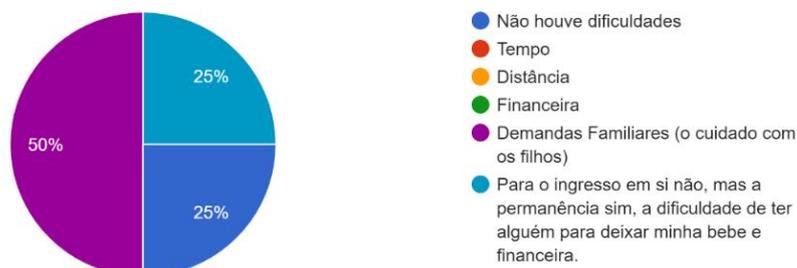
Fonte: A autora (2021)

Considerando as respostas conclui-se que ao ingressarem na universidade 3 das 4 mulheres já eram mães. Uma delas Sianinha mãe de uma criança ainda pequena com cerca de 1 ano de idade, Rebutia com uma criança de cerca de 8 anos e Flor de Maio com filhos mais velhos e uma criança de cerca de 9 anos e apenas uma destas, Violácea ingressa na universidade sem ter filhos, se tornando mãe após cerca de 1 ano de curso, para ter alcançado uma percepção maior do vivido por estas mulheres dedicamos uma questão para entender se houve ou não a ocorrência de dificuldades no ingresso à universidade.

GRÁFICO 9 - Houve alguma dificuldade para ingressar na universidade?

Houve alguma dificuldade para ingressar na Universidade?

4 respostas



Fonte: A autora (2021)

Em vista do que temos enquanto dados, nota-se que Violácea, como visto anteriormente sendo a única mulher que ingressa na universidade antes de se tornar mãe apresenta resposta negativa para dificuldades no ingresso. Já as 3 mulheres que ingressam sendo mães, Sianinha, Rebutia e Flor de Maio, relatam dificuldades de acesso concomitantemente de permanência. Por motivos diversos, que vão desde as demandas familiares, principalmente o cuidado com os filhos, pois como afirma, Cramer (2002) apesar de perceber uma mudança em relação aos papéis de cada um (homem e mulher), ainda há a percepção que a responsabilidade maior pelos cuidados que envolvem a casa e os filhos cabe à mulher.

Tal pensamento construído historicamente e perpetuado socialmente interfere diretamente no processo de ingresso e permanência destas mulheres na universidade. Sendo notório na resposta dada por Rebutia e Flor de Maio, as quais ingressam sendo mães de crianças menores de 10 anos e apresentam como maior dificuldade conciliar as demandas da dupla jornada, enquanto mães e principais responsáveis pelo lar e ingressantes na universidade. A responsabilidade de garantir a segurança e cuidado para seus filhos recai para elas, as mulheres, mesmo que de filhos maiores ou já na fase adulta e interferem diretamente nos processos iniciais de entrada no Ensino Superior. Como afirmam Urpia e Sampaio (2011), o processo de aprendizagem dos chamados códigos de convivência em um ambiente acadêmico torna-se complexo quando há uma dupla conciliação de obrigações em que envolve a maternidade e as atividades universitárias

Assim como o destaque de Sianinha que como visto anteriormente ingressa na graduação sendo mãe de uma criança com cerca de 1 ano de idade, que como é sabido

demanda cuidados maiores e maior quantidade de tempo e atenção. Destaca-se assim o fato da mesma ter sido a única mãe a relatar que precisou dispor de recursos financeiros para garantir os cuidados com sua filha enquanto frequentava a universidade, tal aspecto encaixa-se no relato de que questões financeiras se apresentaram enquanto mais uma dificuldade para efetuar sua permanência, como afirmado pela mesma ‘*dificuldade para o ingresso em si não, mas a permanência sim, a dificuldade de ter alguém para deixar minha bebê e financeira*’. (SIANINHA, 24 anos, 2021)

Neste contexto após a compreensão de como ocorreu o acesso à universidade adentramos nas questões que envolvem a permanência destas mulheres que são ou se tornam mães durante a graduação. Para isto questionamos diretamente sobre a existência de dificuldades no permanecer no meio universitário, buscando com isso ter uma aproximação maior com esta vivência de cada uma das participantes, conseguindo as respostas seguintes.

GRÁFICO 10 – Maior dificuldade para efetivar a permanência na universidade

Qual a maior dificuldade encontrada para efetivar sua permanência na Universidade?

4 respostas



Fonte: A autora (2021)

No gráfico exposto podemos observar respostas diversas, porém todas interligadas e ligadas às características da maternidade, tendo a última resposta confirmando isto e fazendo uma junção de 3 opções propostas na questão. Ao nos debruçarmos sobre as respostas de cada uma das mulheres, notamos que 1 delas, Flor de Maio, destacou ‘*O cansaço (Conciliar demandas da Universidade, do trabalho e as demandas maternas)*’, enquanto maior dificuldade para efetivar sua permanência na universidade, pois o organizar-se demanda tempo e requer trabalho, o que causa um cansaço físico e mental.

Assim, as estudantes mães necessitarão organizar o tempo do curso de graduação com os cuidados dos filhos e os cuidados de si. Deste modo, é possível observar na vida destas mulheres um tripé em relação ao uso do tempo que envolve os cuidados da carreira, dos filhos e de si, mesmo as mães com filhos já estão em idade adulta (BITENCOURT, 2017, p. 12).

Sobre este ponto a mulher-mãe Rebutia (39 anos, 2021), afirmou que as questões de tempo vivenciadas enquanto mãe limitam suas vivências e a frequência na universidade. Pois como afirmado pela mesma precisava optar pela escolha de algumas disciplinas, tendo como critério o horário e a dinâmica de ocorrência e organização destas, nunca conseguindo acompanhar a grade de componentes curriculares proposta pelo curso de Pedagogia. Discorrendo sobre isto, Urpia e Sampaio (2011) afirmam,

[...] se tratando da mulher que não opta pela interrupção nos estudos, ficam as inúmeras solicitações de atividades que rodeiam o mundo acadêmico como resenhas, leituras, fichamentos, artigos, sínteses, seminários e a presença em sala de aula, que são estendidas para além do ambiente educacional, fazendo parte também do seu ambiente doméstico, conciliando com a posição de ser mãe mesmo com o auxílio de algum familiar. (Urpia e Sampaio, 2011)

Desta forma, a mulher-mãe ao se deparar com uma lista extensa de demandas acaba por não conseguir atender todas as exigências da universidade, como participação em eventos e projetos de extensão ofertados pela mesma, pois torna-se difícil até mesmo se fazer presente em sala de aula. Esta mulher precisa dividir-se entre a conciliação de seus deveres enquanto mãe e universitária, sem que haja prejuízos para os cuidados com suas filhas ou para seu percurso acadêmico, algo que exige muita organização e investimento de tempo e trabalho físico e mental.

Ainda neste sentido 2 das mulheres-mães, Violácea e Sianinha, apresentaram o *‘Tempo (Conciliar demandas da Universidade com as demandas maternas)’* como sua maior dificuldade de permanecer na universidade, porém Sianinha em resposta aberta enfatizou que *‘Considero que as maiores dificuldades que tive, encontram-se nos 3 primeiros pontos. Tempo, Financeira e Cansaço, mas consegui chegar a reta final.’* (SIANINHA, 24 anos, 2021)

Percebe-se assim que as 4 mulheres enfatizam questões relacionadas a maternidade e a organização das demandas pessoais e universitárias como principal dificuldade para continuar a frequentar o espaço acadêmico. Em contrapartida a isto consideramos indispensável conhecer as ações propostas e efetivadas pelo Estado e pela

própria universidade, pretendendo atender as demandas existentes e evidenciadas pelos relatos destas mulheres-mães.

Buscando responder este questionamento que surge posterior as informações coletadas até o presente momento, em relação as medidas do Estado e da UFPE-CAA para atender as necessidades de permanência apresentadas, questionamos sobre o acesso à políticas públicas pontuais para mães, sabendo que na época de ingresso da maioria das mães, no ano de 2016, a Universidade Federal de Pernambuco, dispôs em seu edital do Núcleo de Assistência Estudantil (NAEST)² dos Programas, auxílios e serviços da Assistência Estudantil, do Auxílio Creche³, que seguia as seguintes normas:

- a) Será concedido Auxílio Creche a (o) estudante matriculado em curso de graduação presencial da UFPE e que detenha a guarda do filho na faixa etária de 00 a 03 anos e onze meses;
- b) O valor do Auxílio Creche será de R\$ 350,00 (trezentos e cinquenta reais) e poderá ser cumulativo com uma bolsa nível;
- c) Um único valor do Auxílio Creche será concedido por família;
- d) A vigência do auxílio creche será até a criança atingir a idade máxima de 03 anos e onze meses ou o estudante concluir o curso; (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2016)

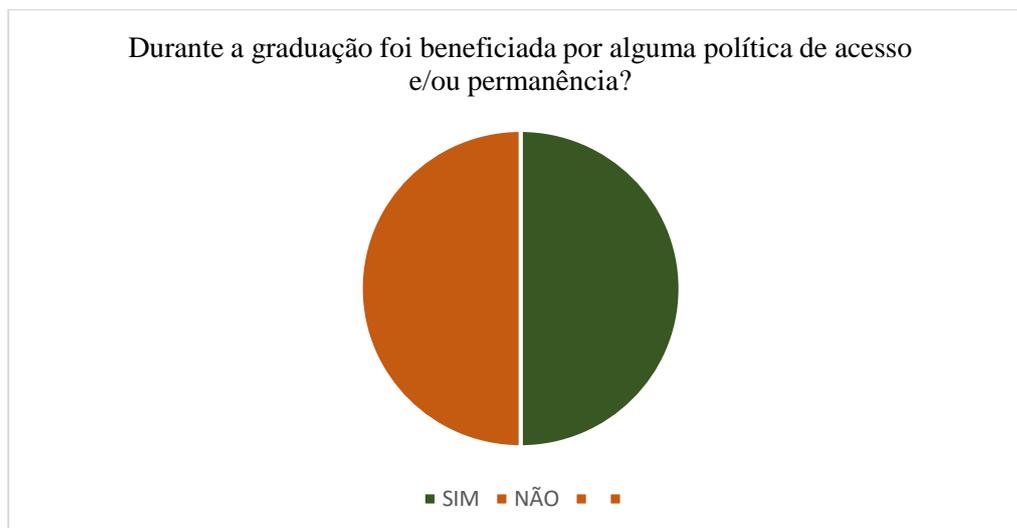
Em virtude desta questão munidos pelas informações anteriores, concluímos que a maioria das mães ao ingressarem na universidade não tinham filhos em idades compatíveis com a exigência do edital apresentado, que é de 3 anos e onze meses, por esta razão recebemos apenas respostas negativas quanto ao recebimento de auxílios voltados para mães. A partir disto julgamos interessante adaptar nossa questão, ampliando para auxílios em geral oferecidos pela universidade e que contribuíssem para a permanência destas mulheres no espaço acadêmico.

² O Núcleo de Assistência Estudantil (NAEST) responsável pela disposição e manutenção de bolsas de caráter financeiro que visam auxiliar a permanência dos Estudantes nos cursos de Graduação da UFPE. (UFPE, 2016)

³ Auxílio Creche

Auxílio financeiro integrado ao benefício de bolsa-nível oferecido a estudantes que têm filhos na faixa etária de 0 a 3 anos e 11 meses de idade. (UFPE, 2016)

GRÁFICO 11 - Durante a graduação foi beneficiada por alguma política de acesso e/ou permanência?



Fonte: A autora (2021)

Diante dessa modificação na questão recebemos 2 respostas negativas (50%), de Violácea e Rebutia, para o recebimento de auxílios de acesso e permanência e 2 respostas positivas (50%), sendo elas de Sianinha e Flor de Maio. Quando questionamos sobre quais os auxílios recebidos, buscando entender a dinâmica financeira que envolve a universidade, a qual estas mulheres se encontram inseridas, recebemos como informação tanto de Sianinha quanto de Flor de Maio, que ambas foram beneficiadas pela política pública de Auxílio Estudantil⁴, o qual foi instituído no ano de 2010, através do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES)⁵ por meio do Decreto 7.234 de 2010. Sobre o qual a própria Universidade discorre, afirmando que,

Entende-se por Política de Assistência Estudantil (PAE) da UFPE as ações que proporcionem ao estudante de graduação na forma presencial, regularmente matriculado, e de comprovada vulnerabilidade socioeconômica, condições para o desenvolvimento de suas atividades

⁴ Auxílio e Serviço de Assistência Estudantil

Auxílio financeiro cuja finalidade é a de ampliar as condições de permanência dos estudantes, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, regularmente matriculados na Universidade, de modo a concluírem os cursos da graduação presencial; observando-se os critérios da Política de Assistência Estudantil da UFPE, estabelecidos pelas Resoluções nº 01 e 02/2016 do Conselho de Administração. (UFPE, 2021)

⁵ O Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) apoia a permanência de estudantes de baixa renda matriculados em cursos de graduação presencial das instituições federais de ensino superior (Ifes). O objetivo é viabilizar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes e contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico, a partir de medidas que buscam combater situações de repetência e evasão. (UFPE, 2021)

acadêmicas, habilitando sua permanência na educação superior. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2016)

O auxílio em questão se trata de uma política pública, que se apresenta como uma ação afirmativa, visando a garantia da permanência dos estudantes, as quais [...] constituem medidas especiais e temporárias que, buscando remediar um passado discriminatório, objetivam acelerar o processo com o alcance da igualdade substantiva por parte de grupos vulneráveis, como as minorias étnicas e raciais e as mulheres, entre outros grupos (PIOVESAN, 2005, p. 49). Desta maneira com o auxílio se pretende permitir a esses grupos específicos de alunos uma garantia mesmo que mínima de permanência na universidade, atendendo ao seu principal objetivo enquanto política, pois como visto,

2. DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES 2.1 A Política de Assistência Estudantil tem o objetivo de ampliar as condições de permanência e de conclusão dos estudantes de graduação na educação superior pública federal. 2.2. O processo seletivo em curso tem a finalidade de promover o acesso dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica aos programas de assistência estudantil, conforme preconiza o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES (Decreto 7.234/2010). (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2016)

Tal finalidade do processo seletivo é atendida e a confirmação é evidenciada no relato de Sianinha (2021), a qual afirma “recebi o auxílio permanência desde o início da graduação e isso me ajudou muito na permanência na UFPE” (SIANINHA, 24 anos, 2021). Buscando compreender melhor a elaboração e a execução de tal recurso, o edital nos apresenta detalhes sobre as bolsas disponibilizadas, sendo estas,

3. DOS BENEFÍCIOS 3.1 Bolsa nível (1, 2, 3 e 4): consiste no repasse de recurso financeiro mensal para o(a) estudante custear parte das despesas com sua manutenção acadêmica, com o objetivo de ampliar as suas condições de permanência durante sua formação acadêmica presencial. Essas bolsas não terão efeito acumulativo; (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO 2016)

Tendo estes dados como base consideramos importante destacar os valores ofertados pelo auxílio, os quais variam de acordo com o nível da bolsa, sendo de 1 à 4. O nível 1 no valor de 200,00, a de nível 2 de 300,00, a de nível 3 de 500,00 e a de nível 4 de 700,00, estes valores devem ser utilizados para custear gastos advindos do ato de cursar o Ensino Superior na universidade pública e o estudante beneficiado precisa

atender aos critérios impostos, sendo o principal deles as condições socioeconômicas, como evidenciado a seguir,

6.4 São critérios de análise socioeconômica para concessão do auxílio: a. Menor renda per capita familiar; b. Ter cursado a educação básica em escola pública ou ter sido bolsista integral na rede particular de ensino; c. Necessidades de alimentação, moradia, transporte, etc., que impliquem em sua manutenção acadêmica; d. Situação laborativa da família; e. Condições de moradia da família; f. Condições de saúde da família; g. Condições de acessibilidade da residência no que se refere ao deslocamento para a Universidade; h. Disponibilidade de transporte pela prefeitura; i. Não ter outra bolsa; j. Demais aspectos acadêmicos e psicológicos identificados pela equipe técnica DAE/PROAES. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2016)

Em vista disso as duas mulheres-mães e universitárias encaixando-se nestes critérios passam a ser atendidas pela política pública e a receber o auxílio, expressando a importância e a necessidade destes para sua experiência universitária em suas respostas. *‘O auxílio estudantil me ajudou DEMAIS permanecer na universidade e pude conseguir dedicar mais tempo aos estudos e ter condições de ir e vir principalmente no início da minha graduação’* (SIANINHA, 24 anos, 2021). O auxílio representa a oportunidade de permanecer na universidade, por se tratar de um campus interiorano garante o custeio com o processo de locomoção do município no qual reside até o município de Caruaru, onde está localizado o Campus da UFPE no Agreste.

Ainda dentro deste aspecto Flor de Maio nos apresenta novas demandas atendidas pela referida política, a mesma nos diz: *‘Recebia o auxílio permanência que era muito importante, pois servia para pagar transporte, minha medicação e também comprar alguma roupa para ir para Universidade’* (FLOR DE MAIO, 58 anos, 2021). Fica claro que o auxílio permanência assume um papel fundamental na vida e na experiência universitária, se estendendo a áreas diversas da vida da estudante, que tendo acesso a esta quantia financeira consegue com organização custear desde itens como medicação, as roupas para frequentar às aulas. Isto demonstra a relevância ampla de atuação deste auxílio financeiro na vida das mulheres-mães universitárias, tendo destaque nos relatos das duas mães beneficiadas.

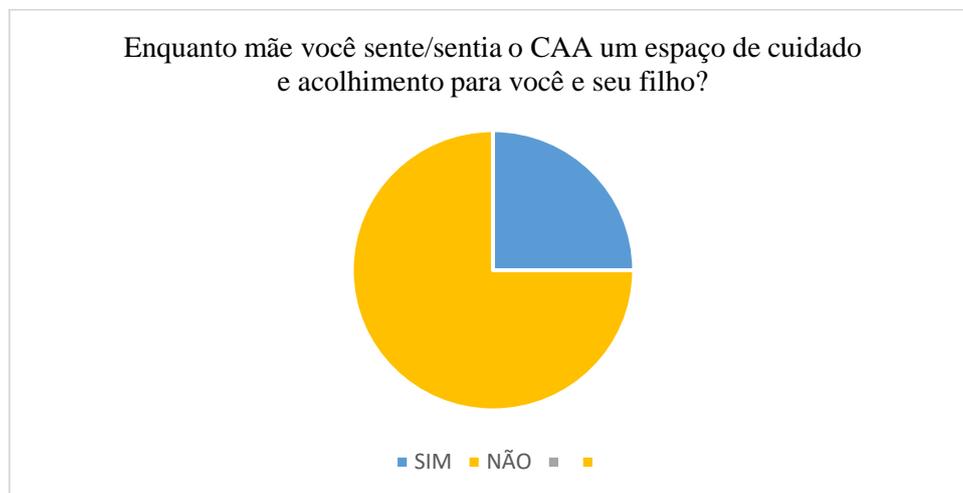
Porém tais fatos nos levam a refletir sobre a ausência de uma política pública que atenda as demandas específicas da maternidade, que tenha como beneficiadas as mulheres-mães inseridas no espaço universitário. Pois como visto, o auxílio existente atende necessidades diversas, porém não se apresenta como suficiente, pois acaba por

excluir algumas mães por não atenderem os critérios e não se encaixarem no perfil a ser beneficiado, porém estas continuam apresentando demandas advindas e intrínsecas ao “maternar” e cursar o Ensino Superior.

Desse modo, as políticas que pretendem funcionar como ações facilitadoras da permanência dos estudantes, não podem deixar de incluir e reconhecer as mulheres como grupo social em desvantagem de permanência ou desempenho, quando na condição de mães. Este aspecto é de fundamental importância para inclusão de pautas voltadas para o conjunto da população universitária feminina, e que possam contribuir, por exemplo, para dar visibilidade às demandas das estudantes que se tornam mães no percurso da formação superior (URPIA; SAMPAIO, 2009, p.164).

Em vista de compreender mais profundamente a ocorrência desta permanência, existência, sobrevivência, destas mulheres enquanto mães, no espaço do Centro Acadêmico do Agreste, procuramos identificar o que estas sentiam advindo do espaço em si, se sentiam o acolhimento, respeito e cuidado para si e para seus filhos, se de fato se sentem fazendo parte do espaço da universidade.

GRÁFICO 12 - Percebe no CAA um espaço de acolhimento e cuidado para você enquanto mãe e seu filho?

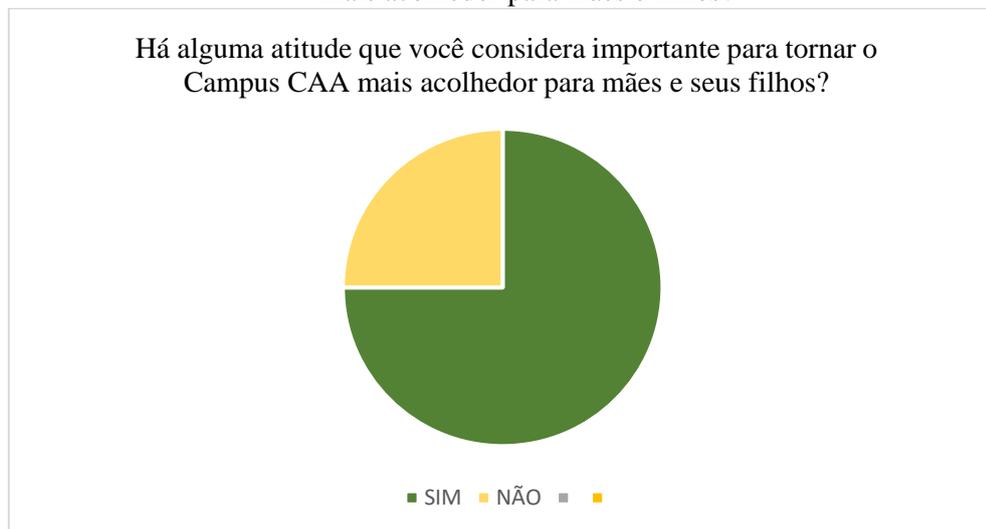


Fonte: A autora (2021)

Considerando tais respostas percebemos que 75%, ou seja, 3 das 4 mulheres-mães participantes da nossa pesquisa, afirmaram não sentir-se acolhida/cuidada no espaço da universidade e que tal sentimento se estendia para seus filhos. Estas mães pontuam um dado de suma importância, não se pode discutir acesso e permanência em universidades

públicas sem pautar principalmente o acolhimento dos indivíduos e as necessidades existentes neste ou no seu existir, quando estes ingressam no espaço acadêmico.

GRÁFICO 13 – Há alguma atitude importante para tornar o CAA um espaço mais acolhedor para mães e filhos?



Fonte: A autora (2021)

Analisando estes dados, é notório que a mãe que anteriormente marcou a opção SIM, definindo o espaço da universidade como não acolhedor, neste momento confirma sua percepção marcando a opção NÃO e declara *‘acho que é um espaço acolhedor, nunca precisei levar minha filha a faculdade, mas sinto que se preciso fosse eu levaria sem receio ao ambiente ou as pessoas’* (SIANINHA, 24 anos, 2021). Há uma mudança no considerar o espaço em relação a esta participante em questão, porém as 3 outras continuam a afirmar SIM e contribuem com sugestões para buscar atender as demandas e as necessidades existentes.

A primeira delas Flor de Maio (58 anos) afirma, *‘sim, uma creche para acolher as crianças que a mãe, não tem como deixar’* (2021). Tal fala representa bem o que tratamos anteriormente a necessidade de investimentos financeiros que garantam a permanência destas mulheres, isto inclui a criação de espaços físicos que acomodem mães e filhos dentro da universidade, seja no período das aulas, seja nos períodos em que as mães se encontrem realizando atividades outras na instituição, como participando de eventos, de grupos de estudo, realizando pesquisas/monitorias. Para Raupp (2002) nesse contexto, a implantação de creches universitárias poderia melhorar a qualidade de vida dessas mães-estudantes. Se apresenta enquanto um recurso

indispensável para o bem-estar das mães e de seus filhos no espaço da universidade. Portanto,

Se não há creches públicas e gratuitas para essas mães na universidade, isso comprova que a estrutura não é adequável as necessidades da família brasileira, pois há ainda mulheres que desejam ter filhos, contudo a maternidade não deve e não pode ficar sobre sua total responsabilidade neste cenário de expressiva entrada das mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho (BITENCOURT, 2017, p.21).

Nesta sequência é essencial haver a construção de espaços de acolhimento, para garantir o sentimento de cuidado de pertencimento tanto da mãe quanto de seu filho, pois ambos ao frequentar a universidade pública se tornam partes deste lugar, assim como este faz parte de quem são e de suas rotinas, é preciso que as propostas e a estrutura atendam as necessidade por estes apresentadas, a universidade precisa se apresentar como lugar de todos, atendo e acolhendo a todos.

Seguindo esta reflexão, sobre sugestões para atender as demandas das mães e de seus filhos no espaço da universidade, Violácea (34 anos) enfatiza *‘sim ter um acompanhamento especial com as mães’* (2021). Esta fala se explica quando consideram como já visto que mulheres-mães entram e permanecem em desvantagem no percurso durante a graduação, pois há a dificuldade em conciliar as exigências de produtividade da universidade, com as exigências próprias da maternidade. Urpia (2009) aprofunda e discute sobre os desafios da discente mãe na formação inicial, onde se identifica a dupla jornada de ser mãe e ser estudante universitária ao mesmo tempo, surgindo momentos de desvantagens na vida acadêmica por consequência do cansaço físico e psicológico que surge da rotina de cuidar do(a) filho(a).

Em razão disto as mulheres que são mães apresentam especificidades próprias e precisam de um olhar especial, para que façam de fato parte do processo de incluir e não do silenciamento, invisibilidade e exclusão aos quais são impostas quase que diariamente. É necessário entender que o contexto da maternidade ao qual estas se encontram inseridas apresenta como necessário o encontro de meios de romper as barreiras e criar possibilidades para que os obstáculos sejam superados.

Sobre tais aspectos Rebutia (39 anos), afirma

Sim, uma política de auxílio-permanência, pensando educação como direito, não basta dar acesso, tem que pensar a permanência, com a criação de espaço para as crianças, disponibilizar o curso ou ofertar disciplinas em outros horários, além do período noturno, horário que

não tem escola, creche, e nem sempre a rede de apoio tem disponibilidade para cuidar. (REBUTIA, 39 anos, 2021)

Tal relato de Rebutia explicita de forma objetiva diversos pontos já tratados anteriormente, merecendo destaque a necessidade de garantir o acesso ao auxílio permanência que vise incluir e fornecer acesso à educação para todos, espaços para as crianças, pois como dito Rebutia é mãe de duas crianças de 1 e 12 anos, logo a preocupação se estende desde uma creche, para a filha mais nova, quanto um espaço que acolha sua filha mais velha. Ainda no que foi proposto podemos destacar a flexibilização dos horários do curso de Pedagogia na UFPE- CAA, pois atualmente as aulas obrigatórias ocorrem no período noturno e como colocado por Rebutia, este é o horário que escolas e creches não funcionam e que a rede de apoio nem sempre tem disponibilidade em cuidar.

Portanto políticas públicas existem para atender demandas específicas de grupos considerados minorias sociais, econômicas e políticas, dentre elas as mulheres, principalmente as mães. Com isso o Estado enquanto organizador do sistema social, político e educacional e a Universidade Federal de Pernambuco enquanto instituição macro de Ensino-Pesquisa e Extensão, precisam tomar para si a consciência de que mulheres-mães apresentam necessidades pontuais e estas precisam ser enxergadas, consideradas e atendidas, por políticas públicas que garantam o acesso a estes espaço por mulheres que vivenciam a maternidade, mas que também ocorra investimento no processo de permanência com qualidade destas mulheres, oportunizando a vivência no espaço universitário, sem exclusão.

4.3 Trajetória de mulheres-mães-universitárias na UFPE-CAA

Visando dar continuidade à apresentação e discussão dos dados coletados, consideramos de grande relevância nos aprofundar e conhecer melhor a trajetória das mulheres-mães enquanto universitárias. Para isto buscamos através das questões propostas, uma aproximação com relatos sobre vivências naquele espaço, durante ações comuns no ambiente universitário como aulas, trabalhos, eventos e no próprio contato com os docentes, os colegas de turma e demais discentes da instituição, procurando entender a dinâmica nestes espaços conciliada com a dinâmica da maternidade, por isso nossa primeira questão trata especificamente das dificuldades percebidas e vividas.

GRÁFICO 14 – Ser mãe dificultou sua trajetória educativa/formativa? Impediu ou tornou mais complicada a participação em projetos/atividade da universidade?



Fonte: A autora (2021)

Obtendo estas informações percebe-se que 100% das mães, as 4 mulheres participantes afirmaram que a maternidade impõe dificuldades na trajetória acadêmica durante a graduação na universidade. Isto é perceptível na fala de Sianinha (24 anos) a qual afirma,

Sim, com certeza. Não me impediu, mas tornou-se mais complicada sim, infelizmente lembro alguns momentos que não consegui comparecer a grupos de estudo e reuniões diurnas pois só teria alguém para ficar com ela a noite. Porém, sinto que consegui me dedicar ao máximo, pois como recebia as bolsas levei a faculdade como um trabalho e consegui conciliar as despesas e formação acadêmica ao longo dos períodos. (SIANINHA, 24 anos, 2021)

Tal relato reforça pontos já postos e discutidos anteriormente, como a necessidade de uma flexibilização dos horários tanto das aulas quanto das atividades extra classe, a importância da rede de apoio na vida e dinâmica destas mães e de seus filhos e a relevância do recebimento dos valores financeiros dispostos pela universidade, que vão desde o auxílio permanência até as bolsas de pesquisa e extensão, para que seja possível haver a dedicação necessária às demandas da universidade e no caso destas mulheres, as demandas enquanto mãe, sem que haja prejuízos para nenhum contexto.

No mesmo viés de compartilhar estas vivências marcadas pelo desafio em conciliar funções e de meios encontrados para superá-las, recebemos o depoimento de Rebutia, a qual nos diz,

Sim, em virtude das demandas que a maternidade exige, contudo aproveito o tempo que tenho alguma disponibilidade para cumprir com as demandas acadêmicas, mas não é fácil. Fiz parte do PIBIC, mas só consegui me manter na atividade por 1ano, tendo em vista que fiquei sobrecarregada, conciliar o tempo foi difícil. Também não pude cumprir todos os componentes curriculares de cada período, porque não era possível estar todos os dias na Universidade, uma vez que dependo de terceiros para cuidar das crianças, além da despesa. (REBUTIA, 39 anos, 2021)

Percebe-se que tanto Sianinha, quanto Rebutia expressam dificuldades semelhantes, tanto em concretizar a participação em projetos e atividades da universidade, conciliando com o cuidado com os filhos, quanto se fazer presente e ativa até mesmo nas aulas. Se faz importante neste contexto enfatizar novamente o papel da creche, de espaço de acolhimento para crianças que garantissem a presença destas mulheres no campus e o acolhimento de seus filhos neste espaço, sem haver sobrecarga da rede de apoio, da organização financeira e da própria mãe.

Já o relato de Violácea, por ser a única mulher que entra na universidade sem filhos e se torna mãe durante a graduação, nos emerge em uma realidade outra, redirecionando nosso olhar a esta mãe, que inicialmente, enquanto apenas mulher universitária conseguia atender a todas as propostas do cursar uma graduação em uma universidade pública, com a tríade, ensino-pesquisa e extensão e que posterior ao nascimento dos filhos vê tudo isto modificado.

Conforme nos relata,

Quando eu não tinha filhos podia me dedicar integralmente a universidade participar dos eventos, mas agora eu não teria como participar de todos os eventos como eu gostava de participar antes. Hoje eu tenho a responsabilidade de realizar atividades com os meus filhos que não me permitem desenvolver as atividades acadêmicas como eu gostaria. (VIOLÁCEA, 34 anos, 2021)

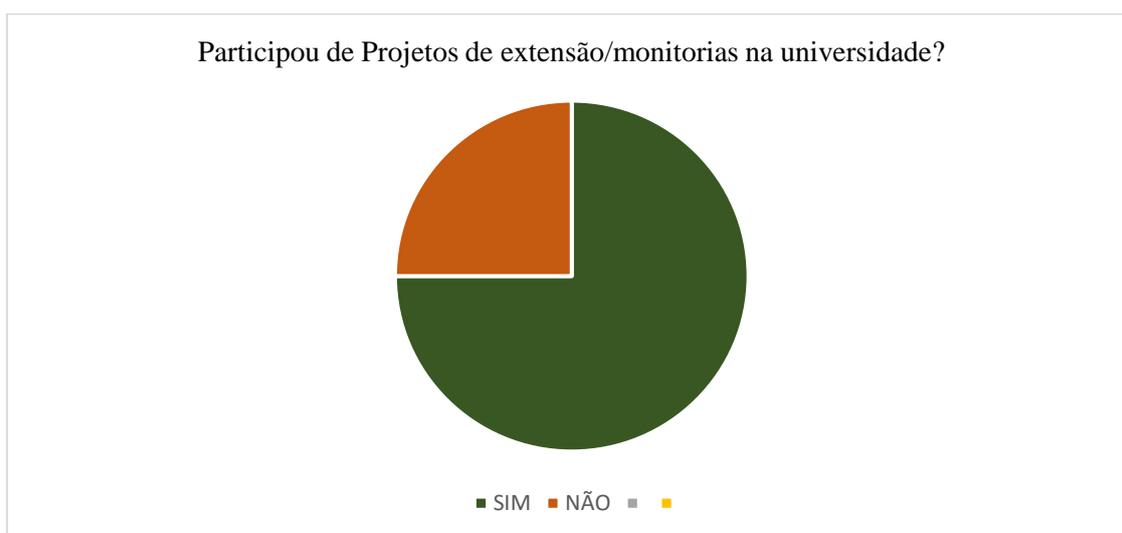
Nesta perspectiva a mulher que se torna mãe durante a graduação além de precisar lidar com todo o processo de adaptação que a conciliação de suas funções exige, esta precisa também aprender a lidar com a culpa de já ter experienciado uma vida acadêmica ativa e produtiva e precisar desacelerar para atender seu filho e suas necessidades, quando Violácea coloca essa frase ‘*como eu gostaria*’, ela deixa explícito que há o desejo de ser

aquela mulher com rotina dedicada à universidade, mas que a maternidade modificou, sobre esta mulher-mãe Bittencout (2011) discorre,

[...] Logo, sentem dificuldades em incorporar o ethos competitivo presente no campo acadêmico. Esta dificuldade de incorporar o habitus, muitas vezes, faz a acadêmica sentir-se excluída do campo, por não corresponder ao ideal do ser acadêmica sustentado pelo discurso do “ser produtiva”, mas também” “culpada” por não conseguir “deixar de lado” as responsabilidades vinculadas aos cuidados de seus filhos [...] (BITENCOURT, 2011 p.231).

Nos baseando nestes apontamentos julgamos importante conhecer a trajetória destas mulheres na universidade enquanto produtoras e participantes de produções de pesquisas e atividades complementares vinculadas as disciplinas do curso. Para isso questionamos se as mulheres haviam participado de projetos de extensão ou monitorias de disciplinas.

GRÁFICO 15 – Participou de projetos de extensão/monitorias na universidade?



Fonte: A autora (2021)

Analisando os dados obtidos percebemos que 3 das 4 mulheres participaram de algum projeto na universidade, tendo apenas Flor de Maio respondendo negativamente. Das demais mulheres Sianinha, afirma ‘*sim, fui bolsista PIBIC - 3 Anos*’ (SIANINHA, 24 anos, 2021). Confirmando o que já havia relatado anteriormente quando afirmou ter feito uso do auxílio financeiro vinculado a bolsa do PIBIC para efetuar o pagamento de uma cuidadora para sua filha enquanto frequentava a universidade.

Dando sequência a este aspecto das vivências destas mulheres, Rebutia nos confirma sua resposta positiva e destaca ‘*Sim, sobretudo nesse período de ensino remoto, que possibilitou conciliar*’. (REBUTIA, 39 anos, 2021) Sua fala nos insere em uma perspectiva recente, no cursar a graduação na UFPE-CAA, as questões relacionadas ao ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 e o impacto desta nova configuração organizativa na vida das mulheres que são mães e também universitárias, dentro desta perspectiva ela vai além e diz,

Essa bolsa (de monitoria realizada no período remoto) atualmente não tem impacto direto na minha permanência, tendo em vista que estamos estudando remotamente, o que no caso, foi um dos fatores que me possibilitaram permanecer estudando, tendo em vista o nascimento da minha bebê, quando falo de fator permanência no momento foi o ensino remoto, pois pelo horário do nosso curso mesmo com ajuda financeira teria dificuldades em ter onde deixá-la... [...] (REBUTIA, 39 anos, 2021).

Desta maneira o ensino remoto para Rebutia se apresentou como possibilitador de oportunidades que antes não eram existentes, com o ensino remoto há uma junção de ambientes pois agora o que se apresentava enquanto ambiente acadêmico se mistura com o ambiente domiciliar. Neste sentido,

Ainda que a universidade pública não seja uma empresa capitalista, o lar é onde se reproduz a força de trabalho própria e de todos os familiares. Quando o trabalho invade o lar e soma-se ao trabalho doméstico, as mulheres não têm dupla ou tripla jornada, mas uma jornada extensiva que lhes dá a sensação de infinitude, conseqüentemente, exaustão constante. (MORAES; ZAIDAN, p. 57, 2021)

Como visto para Rebutia o ensino remoto possibilitou o conciliar suas funções de mães, com as funções acadêmicas e até mesmo assumir funções outras, que com o ensino presencial não se fazia possível. O preço desta conciliação e de tanto tempo investido em atender demandas da família, da universidade e das atividades extras, é um cansaço excessivo, mas que é a forma encontrada para se fazer produtiva e conseguir cumprir exigências e ser ativa na própria academia.

Acerca da participação em projetos Violácea complementa sua resposta positiva nos dizendo ‘*sim, todas antes dos meus filhos nascerem*’ (VIOLÁCEA, 34 anos, 2021). Essa afirmação nos remete ao ponto anterior de que a maternidade se apresentou como principal empecilho em continuar com sua participação ativa nestes projetos propostos pela universidade. Segundo Menezes et al. (2012), a necessidade de interromper os

estudos por alguns períodos para se dedicar ao papel de mãe, visto como fundamental para a sobrevivência e também para o desenvolvimento físico do bebê, desacelera as atividades acadêmicas quando ocorre o retorno, e nesse malabarismo permanecem lutando para concluir seus estudos, quando há motivação para continuarem.

Algo que se assemelha ao relato anterior produzido por Violácea é um fenômeno que se apresenta a nível mundial e que se mostra indispensável para a discussão do tema maternidade e academia, o chamado “efeito tesoura”. Termo utilizado para mostrar como as mulheres vão sendo expulsas da ciência ao longo de suas carreiras, impedindo que elas ocupem posições de liderança. Esta realidade se apresenta principalmente nos cursos de pós-graduação, as mulheres ingressam em maioria, mas não conseguem permanecer ou se destacar. A elite científica no Brasil é composta, majoritariamente, por homens. Enquanto 59% das bolsas de iniciação científica (IC) ficam com mulheres, apenas 35,5% das bolsas de produtividade científica – um dos principais mecanismos de reconhecimento nas carreiras científicas – são destinadas a elas. (BENEDITO, p. 8, 2019)

Diversos são os fatores que levam as mulheres a viverem esta situação de desigualdade. Para a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Marcia Bernardes Barbosa. “Há uma forte correlação entre maternidade e diminuição da produção no período onde somos mais avaliadas.” (BENEDITO, p. 8, 2019)

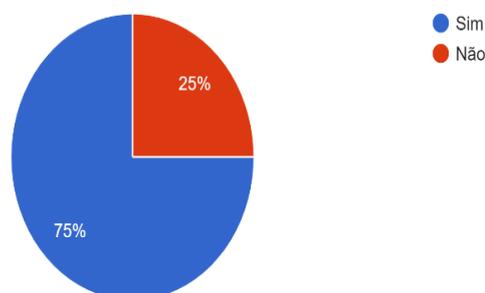
É notório assim que desde a graduação, como visto no relato de Violácea quanto posteriormente no decorrer da pós-graduação, no galgar uma carreira acadêmica a mulher, principalmente a que é mãe sofre, com a discriminação por não conseguir atender todas as demandas impostas e produzir como os homens com os quais está competindo.

Posterior ao contato e análise de dados tão ricos, compreendemos que o preconceito e o julgamento é algo que acompanha as mulheres que são mães desde a graduação e em uma perspectiva macro. Neste seguimento entendemos ser interessante nos aproximar destas situações negativas vivenciadas por diversas mães em diversos ambientes. A fim de saber se as mesmas já haviam vivenciado ou presenciado alguma situação de desrespeito ou constrangimento por parte de algum professor ou aluno para com mães ou filhos, dentro do espaço do Centro Acadêmico do Agreste, realizamos o seguinte questionamento.

GRÁFICO 16 – Enquanto mulher-mãe você já vivenciou/presenciou alguma atitude de desrespeito de alguém para com uma mãe/criança no espaço do CAA?

Enquanto mulher/mãe você já vivenciou/presenciou alguma atitude/ação de desrespeito de algum professor/aluno para com uma mãe/criança no espaço do CAA?

4 respostas



Fonte: A autora (2021)

Podemos perceber que apenas uma mãe, sinalizou a resposta como negativa, as outras 3 mães confirmaram que sim, já vivenciaram ou presenciaram situações de desrespeito e/ou constrangimento para com mães/filhos no espaço do CAA. Considerando estes dados e considerando que haveriam respostas positivas, propomos um exercício através de uma questão com resposta discursiva, sendo esta ‘*Gostaria de nos relatar sua experiência e enquanto pedagoga nos dizer o que considera que deveria ter sido feito diferentemente na situação citada acima?*’ (EXTRATO QUESTIONÁRIO, 2021)

Neste momento Sianinha nos respondeu, ‘*Nunca presenciei nenhuma relação de desrespeito a crianças, porém sinto que uma parte dos professores por não serem pais, não compreendem as dificuldades que enfrentamos para estar ali diariamente*’ (SIANINHA, 24 anos, 2021). Esta percepção de Sianinha nos é confirmada quando Rebutia compartilha conosco o seu relato,

Ouvi uma colega pedir para uma professora rever suas faltas e a ausência do cumprimento de uma atividade porque não teve com quem deixar suas duas crianças em alguns momentos, tendo que faltar, e a professora irredutível, sem abertura para pensar possibilidades outras de considerar essa subjetividade alegou que não casou, nem teve filhos porque a vida é feita de escolhas, que precisamos ver as prioridades, e que quem decide estudar tem que abrir mão de algumas coisas, passando a ideia de que a vida acadêmica não é para as mães, ou mesmo que devemos abandonar nossa responsabilidade de mãe em detrimento de uma exclusividade a vida acadêmica. Foi uma experiência que considerei contraditória diante de um discurso

inclusivo, de alteridade, de pensar a partir da práxis, considerando as especificidades, me fez pensar que a universidade corrobora para negar esse espaço as mães, uma vez que precisamos nos enquadrar a um molde existente, pela ausência de propostas/ alternativas outras, como horário do curso, espaço para os filhos, etc.... (REBUTIA, 39 anos, 2021)

Tendo este relato em mente concluímos que além das diversas demandas enfrentadas pelas mães ao conciliar suas funções estas ainda precisam se adequar às normas de tempo e prazo exigidas pelos docentes e muitas vezes sem ter oportunidade do diálogo, apenas com imposições, isto explica a contradição apontada por Rebutia, pois como dito por Damke (1995) é nas relações dialéticas com a realidade que a educação passa a ser um processo permanente de libertação, sendo assim, considera que não há educação sem diálogo.

A universidade ao abrir “a caixa preta” sobre a diversidade do público que atualmente é atendido por ela escancara as desigualdades que as mulheres vivenciam a partir da dupla jornada. Mesmo que a taxa de fertilidade tenha baixado nas últimas décadas entre as brasileiras, ainda há mulheres que decidem pela maternidade, serão essas as mais penalizadas quando decidem se qualificar? (BITENCOURT, 2017, p. 7).

Nega-se assim as especificidades existentes no ser mãe e fazer parte do ambiente acadêmico, cobra-se destas mulheres com mesmo rigor que cobra-se de estudantes outros e penalizam estas quando não alcançam o esperado. Tal postura se contrapõe ao que se é apresentado no curso que tem como objetivo a formação plena dos indivíduos que futuramente atuarão como docentes. É certo que a realização dos estudos no processo formativo não as desobriga dos cuidados da casa e dos filhos, porém não se pode colocá-las em situação de desvantagens no percurso da vida acadêmica; elas necessitam adquirir os conhecimentos de forma significativa também. (Urpia e Sampaio, 2009)

Para que isto ocorra é preciso considerar todo o contexto ao qual estas se encontram inseridas, as possibilidades que podem não ser diretamente acadêmicas, mas que interferem em sua produtividade. Ainda no sentido da atitude dos docentes para com as mães e seus filhos, Flor de Maio (58 anos) expressa,

Minha filha de 10 anos foi retirada da sala de aula, criando uma situação constrangedora para a criança, eu já era acostumada a levar ela nas aulas de outras disciplinas e os professores nunca falaram nada, ela até participava, mas nesse dia a professora colocou ela pra fora da sala. Isso me travou na disciplina dela, só consegui pagar agora no período remoto. (FLOR DE MAIO, 58 anos, 2021)

Notamos que as atitudes dos docentes dentro da sala de aula, interferem no aprendizado das mulheres que são mães. Se não há um espaço físico, como creche, brinquedoteca ou até mesmo uma biblioteca reservada para as crianças, filhas dos frequentadores do campus, algumas mães terão que optar por levar seus filhos ao ambiente de ensino e permanecer com estes em sala de aula, esta é uma necessidade e precisa ser compreendida e respeitada, para que a mãe sinta segurança para se fazer presente nas aulas naquele espaço.

Porém, notamos a partir dos relatos posteriores que muitas ações confirmam a ausência de um olhar empático para com a mulher mãe e seus filhos, assim como um desrespeito a estes enquanto sujeitos de direito. Ficando evidente a partir do relato de Violácea, que sofreu com atitudes extremas nos dois momentos de puerpério de seus filhos, percebemos atitudes diversas de diferentes docentes. Iniciando pela primeira gravidez ela nos conta,

[...] a minha primeira gestação foi no período do surto da zika vírus e chikungunya. como na UFPE tinha muitos mosquitos, solicitei acompanhamento especial, mas a universidade negou, disse que esse acompanhamento só atende as mães que os bebês já nasceram, eu expliquei que o campus tinha uma enorme quantidade de mosquitos e eu não me sentia segura, tinha medo da minha filha nascer com alguma sequela, decidi por bem trancar o período para me resguardar durante a gestação. [...] (VIOLÁCEA, 34 anos, 2021)

Esta alegação da universidade, relatada pela estudante, vai de encontro à Lei Federal de nº. 6. 202, de 17 de abril de 1975⁶, do Brasil, que ampara a estudante gestante, propiciando o seu afastamento ainda durante a fase de gravidez, a qual garante o regime de exercícios domiciliares, instituído pelo Decreto nº. 1.044, de 21 de outubro de 1969. Esta legislação que ampara as mulheres estudantes grávidas e no puerpério, existe há anos, porém em muitas das Instituições de Ensino Superior (IES), não há o seu cumprimento, deixando de assegurar os direitos das estudantes que se tornam mães (MENEZES et al., 2012).

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

⁶ [LEI Nº 6.202, DE 17 DE ABRIL DE 1975.](#)

Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências.

Art. 1º A partir do oitavo mês de gestação e durante três meses a estudante em estado de gravidez ficará assistida pelo regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei número 1.044, 21 de outubro de 1969.

Parágrafo único. O início e o fim do período em que é permitido o afastamento serão determinados por atestado médico a ser apresentado à direção da escola.

Art. 2º Em casos excepcionais devidamente comprovados mediante atestado médico, poderá ser aumentado o período de repouso, antes e depois do parto.

Parágrafo único. Em qualquer caso, é assegurado às estudantes em estado de gravidez o direito à prestação dos exames finais.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 17 de abril de 1975; 154º da Independência e 87º da República.

As atitudes repletas de exclusão e desrespeito vivenciadas por esta estudante e por seu direito continuaram após o nascimento de sua filha, como a mesma afirma,

[...] quando minha filha nasceu eu solicitei acompanhamento especial, separei as disciplinas que queria, a maioria das professoras já haviam concordado em me atender no acompanhamento, quando uma das professoras me procurou e disse que eu não tinha condições de cursar as disciplinas que coloquei que eram muito pesadas, ela me colocou um medo tão grande que eu acabei cedendo à pressão dela. Mas me arrependi, mas com as demandas da minha filha recém nascida acabei perdendo o prazo de solicitar o acompanhamento e também já havia acontecido algumas aulas, uma das professoras da disciplina que eu tinha escolhido me procurou, tentou me convencer a voltar e me ajudar, mas eu já tinha perdido aulas, já me sentia atrasada que não conseguiria acompanhar, minha filha demandava muito de mim, porque não ficava com ninguém então achei melhor desistir de tentar o acompanhamento, tranquei por mais um ano e meio e ainda assim quando voltei era bem complicado. (VIOLÁCEA, 34 anos, 2021)

A fala de Violácea nos apresenta uma atitude onde uma docente da universidade usa de seu poder enquanto profissional desta instituição para persuadir a estudante a desistir de uma opção a qual ela já havia decidido e que se apresentava com direito por lei. Mesmo após a mesma ter inclusive entrando em contato com professores para organizar a dinâmica da ocorrência do acompanhamento especial por estar em período puerperal. A estudante continua ‘[...] não sei se ela fez isso porque daria mais trabalho [...]’ (VIOLÁCEA, 34 anos, 2021).

Neste complemento Violácea fala sobre o aumento do trabalho da docente quando o acompanhamento especial fosse instituído, porém esta preocupação não deve recair sobre a mulher-mãe, isto não deveria interferir na prática da docente para com a discente. É necessário cumprir-se a lei e garantir o acesso aos direitos que as mulheres com filhos possuem, mas mais uma vez no período após o parto do seu segundo filho, em que Violácea retorna à universidade, a mesma conhece uma nova face do tratamento para com ela enquanto mãe.

Eu pedi acompanhamento especial do meu segundo filho quando ele nasceu, a maioria dos professores são bem receptivos, uma das professoras foi um amor, ela marcava aula só comigo, era sempre muito paciente, cheguei a levar meu bebê várias vezes comigo porque ele ainda mamava, mas um dia eu levei meu filho para a faculdade, porque eu não podia faltar mais, eram permitidas 3 faltas e eu já tinha faltado 2 porque ele estava doente nesses dias anteriores com febre, ele estava com a gengiva inchada, início do nascimentos dos dentes, então ele ficava com a minha mãe a noite pra eu ir às aulas, mas teve vezes de eu só chegar na universidade e minha mãe ligar pra mim dizendo pra voltar porque ele estava chorando inconsolável e quando os filhos estão assim só querem a mãe, que no caso era eu, então não queria ficar com ninguém. Então nesse dia eu levei ele, pra universidade a professora não gostou, ficou incomodada com o choro dele e me olhando de cara feia, ela só não pediu pra eu sair da sala. Naquele dia eu deveria ter ficado em casa e não ser computada a minha falta. (VIOLÁCEA, 34 anos, 2021)

Nesta situação inicialmente, Violácea retrata o tratamento respeitoso, cuidadoso e profissional de uma docente, que realizou o acompanhamento especial, considerando suas necessidades no momento e acolhendo também seu filho, que como colocado ainda estava no período de lactação. Urpia e Sampaio (2009) destacam que durante a maternidade há uma flexibilização nos horários para cuidar dos filhos e muitas vezes, há interrupções nos estudos ocasionando uma desaceleração nas atividades e o retorno acontece com dificuldades. Sendo indispensável esta compreensão e respeito dos seus direitos por parte dos docentes, com quem as mães têm contato neste período.

Já quando relata o momento que precisa levar seu filho para sala de aula, por não poder mais faltar ou seria reprovada, a mesma demonstra a disparidade no tratamento desta docente quando comparada a docente citada anteriormente.

A segunda docente citada assume uma posição de impaciência com a situação a qual a discente se encontra, tornando a presença da mãe e de seu filho, um bebê, um incômodo, mesmo sem uso de palavra, como se estes não pudessem estar ali, naquele lugar, como se não pertencessem à universidade.

Podemos afirmar que a partir dos relatos de todas as mulheres percebemos a ausência de empatia e o desrespeito de alguns docentes em relação as mães que também são universitárias, [...] a empatia ocupa um lugar central, já que o diálogo igualitário que a sustenta exige o reconhecimento permanente do outro, a capacidade de se colocar no lugar do outro. (OLMOS, 2015, p. 24) É preciso perceber estas mulheres- mães enquanto outro e ter um olhar direcionado para o que estas representam, se colocar no lugar destas, mesmo sendo uma docente que não é mãe. Freire (1996: 20) afirma que “Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade [...]”.

É importante que os docentes compreendam esse papel das emoções, da afetividade, que vejam estas mulheres como sujeitas que possuem sentimentos, desejos e sonhos e que estes se estendem para seus filhos e que situações desagradáveis que envolvam o ser mãe podem vir a interferir diretamente na formação destas mulheres enquanto pedagogas. Não se solicita que essas mulheres deixem de ser avaliadas ou que tenham benefícios por serem mães, mas que o processo de ensino e aprendizagem seja justo e incorpore o que estas apresentam enquanto demandas intrínsecas à maternidade, pois levar um filho para o ambiente da universidade, faltar aulas por motivos de doença e outras necessidades dos filhos é cabível de justificativa e estas precisam ser consideradas e respeitadas.

Na sequência Violácea, assim como Rebutia anteriormente, nos fala sobre o processo de atualmente estar inserida no ensino remoto e a organização para conciliar universidade e maternidade no mesmo ambiente. Porém diferentemente de Rebutia, que diz ter conseguido vivenciar e desempenhar atividades outras, que no presencial não conseguiria, trazendo o ensino remoto em uma perspectiva mais positiva, Violácea nos leva pelo caminho oposto,

Agora nas aulas remotas os professores já sabem, as vezes eu quero participar, quero abrir o áudio, mas é bem complicado com eles, quando eles estão dormindo é tranquilo, mas é bem complicado pra apresentar trabalho por exemplo, ou eu tenho que ficar sozinha em casa e meu marido levar eles pra casa das avós ou eu ir pra casa da minha mãe ou então eu não consigo. Então quando você é mãe é totalmente diferente, porque quando eu não tinha filhos que ingressei na universidade, eu vivia realmente a universidade, participava de tudo que era seminário, pesquisa eu ia pra outras cidades realizar

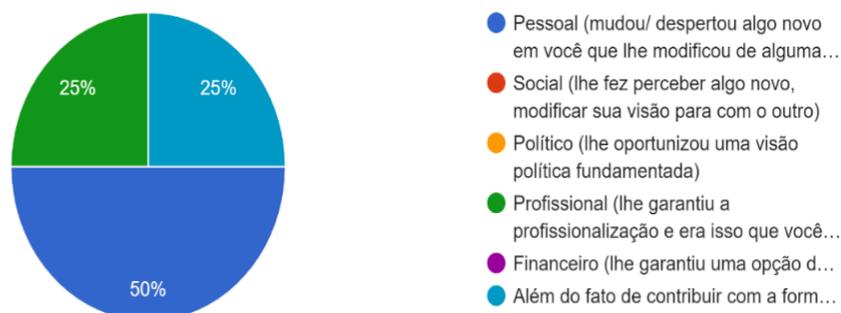
pesquisas, então era muito bom. Mas eu não sou uma mãe que entrega o filho o dia todo e deixa eles, onde eu estou eu gosto que eles estejam também, ai não dá mais pra participar dos eventos da universidade, não tem como, têm oportunidades pra quem quer fazer mestrado/doutorado fora pra mim não tem como. Pra quem é mãe na Universidade, mãe e pai também, mas a responsabilidade maior culturalmente é sobre a mãe, é bem complicado você conciliar o ser mulher, mãe, que trabalha que cuida dos filhos, da casa, do marido, é bem complicado. (VIOLÁCEA, 34 anos, 2021)

Diante disso fica a sensação que para se realizar enquanto mãe você abrirá mão da sua experiência universitária, pois uma ocorre e se fortalece em detrimento da outra. Violácea nos passa em suas palavras o sentimento de que mesmo sendo uma mãe que ama seus filhos, ela também é uma universitária que ama o ambiente acadêmico e que se entristece por ter que optar por um dos dois, por ter que fazer uma escolha, tornando sua vivência extremamente complexa. Nos é mostrado um exemplo claro do já citado “efeito tesoura” em sua realidade, a mulher que têm filhos é excluída da academia, seja por não conseguir produzir para competir com as mulheres que não são mães e principalmente com os homens, seja por não conseguir alcançar as oportunidades, que existem, mas se situam como uma realidade distante para quem é mãe.

Promovendo uma reflexão sobre as questões até este momento abordadas, solicitamos que as mães respondessem sobre os objetivos almejado e já conquistados a partir da graduação. Tentando assim entender o papel da universidade pública para estas mulheres.

GRÁFICO 17 – Qual o maior benefício já adquirido ou almejado com o concluir da graduação em Pedagogia?

Qual o maior benefício já adquirido ou almejado com o concluir da graduação em Pedagogia?
4 respostas



Fonte: A autora (2021)

Violácea nos disse: ‘*Profissional (lhe garantiu a profissionalização e era isso que você mais almejava)*’ (VIOLÁCEA, 34 anos, 2021). Quando solicitada uma justificativa em uma questão discursiva a mesma pontuou ‘*concluir a graduação é só o começo, quero fazer mestrado e doutorado também. e com isso poder dar possibilidades de acesso a uma educação de melhor qualidade, oferecendo para meus filhos oportunidades que eu não tive*’ (VIOLÁCEA, 34 anos, 2021). Nos apresentando assim que a profissionalização era o seu objetivo, mas que seu maior desejo é promover para seus filhos as oportunidades que não teve e um curso superior e uma carreira acadêmica lhe oferecem isto.

Já Rebutia afirma,

‘Além do fato de contribuir com a formação de minha criticidade e de pensar meu direito diante de algumas pautas, como por exemplo a que estamos tratando aqui, uma visão de mundo mais ampla, consciência do direito e reconhecimento do meu espaço e do outro, perspectiva de atuar em prol de contribuir com o desenvolvimento de outras pessoas a partir dos conhecimentos que estou constituindo’ (REBUTIA, 39 anos, 2021).

O dito envolvendo o conceito da formação crítica e do emprego desta na própria realidade, tanto na tomada de consciência de seus direitos em questões vivenciadas, quanto na atuação profissional, muito se assemelha ao conceito de educação libertadora que se caracteriza como “[...] um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente” (Freire, 1985, p. 125).

Equiparando-se a isto também podemos citar as respostas de Sianinha a qual destaca ‘*Pessoal (mudou/ despertou algo novo em você que lhe modificou de alguma forma, enquanto mulher/mãe). Em minha família a graduação (para mim, mãe aos 18 anos) era algo que seria dificilmente almejado, então considero pessoal, uma vez que me despertou o quão capaz eu sou de conquistar muitas coisas as quais eu ainda almeje*’ (SIANINHA, 24 anos, 2021).

Concomitantemente Flor de Maio que aponta ‘*Pessoal (mudou/ despertou algo novo em você que lhe modificou de alguma forma, enquanto mulher/mãe). Entrar na Universidade pública era realização de um sonho, então tudo mudou*’ (FLOR DE MAIO, 58 anos, 2021). “Estudar e fazer um curso superior para algumas mulheres é uma forma de liberdade e empoderamento por meio do acesso ao conhecimento”. (TORTATO E CARVALHO, p. 154, 2016)

Complementando em busca de reconhecer como se caracteriza os resultados da formação destas mulheres no espaço da universidade, questionamos ‘*Qual impacto/importância/benefício dos conhecimentos produzidos/adquiridos na graduação durante sua formação para quem você é no aspecto pessoal-mulher/materno-mãe/acadêmico-profissional/pedagoga?*’ (EXTRATO QUESTIONÁRIO, 2021)

Sobre esta questão Violácea explica, ‘*fazer parte da universidade federal abriu meus conhecimentos em relação a minha visão de mundo. como mãe, mulher e professora os diálogos que foram desenvolvidos me fizeram ter mais empatia a buscar conhecer o outro em todos os sentidos*’ (VIOLÁCEA, 34 anos, 2021).

Nas palavras de Rebutia notamos semelhança nas colocações quando a mesma diz:

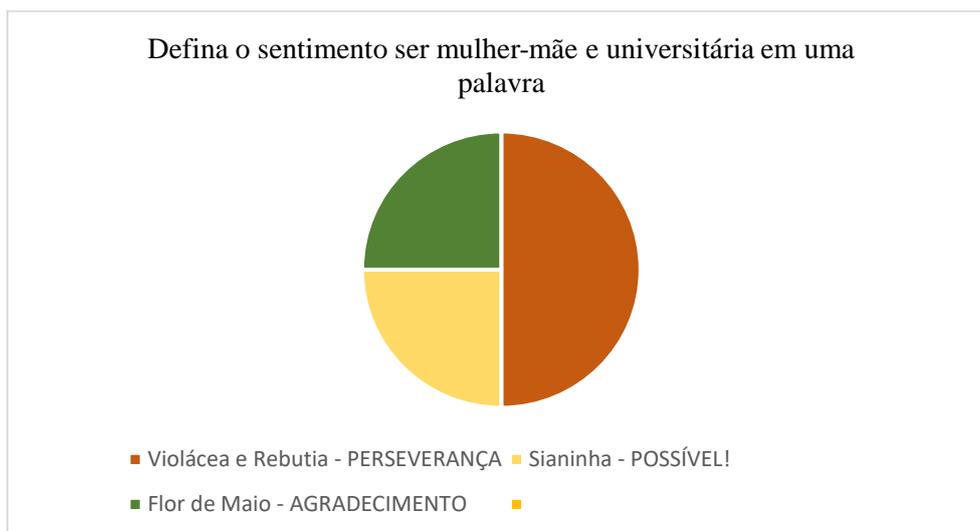
Foram muitas, principalmente em relação a minha atuação no desenvolvimento e formação das minhas filhas, perceber o tempo, as subjetividades, as dificuldades e poder contribuir com a melhoria e desenvolvimento das mesmas, com mais consciência. Além de reconhecer limites, meu e das pessoas com quem convivo” (REBUTIA, 39 anos, 2021).

A afirmação de Sianinha nos remete a uma fala semelhante,

Acredito que a graduação me fez perceber que devo me colocar no lugar da criança por muitas vezes, que a minha "razão" as vezes não faz sentido nenhum para ela, rrsrrs. Mas ter acesso a um conhecimento de qualidade e a estudos que resultaram em teorias acerca das crianças e seu modo de ser e se expressar sem dúvidas me ajudou a ser uma mãe, mesmo que imperfeita, melhor. (SIANINHA, 24 anos, 2021)

Fica visível que a formação ofertada, os conhecimentos produzidos e compartilhados no ambiente da universidade se apresentam como formadores plenos de sujeitas críticas, conscientes e capazes de atuar e aplicar os conhecimentos produzidos em todos os âmbitos de suas vidas. A universidade assume um papel de emancipador na vida destas mulheres e por extensão na vida de seus filhos e tem influência direta na criação destes, uma criação que não apenas enxerga a criança, mas que compreende a infância, que com um olhar afetivo e pedagógico busca entender para educar e que impactará diretamente nos sujeitos sociais que estão se formando. Posteriormente como ponto de conclusão de nosso questionário, solicitamos a cada uma das mulheres-mães que estas definissem com uma palavra o sentimento de ser mulher-mãe e universitária.

GRÁFICO 18 – Defina o sentimento ser mulher-mãe e universitária em uma palavra



Fonte: A autora (2021)

Conforme percebemos as mulheres consideram a oportunidade de ingressar, permanecer e ser parte da universidade como oportunidade que envolve diversos sentimentos. Tendo duas delas, Violácea e Rebutia, afirmando que o sentimento de *PERSEVERANÇA* é o que domina o conciliar academia e maternidade, já Sianinha cita a palavra *POSSÍVEL*, pois apesar de todos os obstáculos é sua a conquista de ser universitária Pedagoga e mãe e Flor de Maio coloca *AGRADECIMENTO* como sua palavra, demonstrando a gratidão por se fazer presente neste espaço e poder chamar este lugar de seu, lugar de conhecimento e de experiências, que constrói diretamente quem somos e aqueles que impactamos em nossa jornada, pedagógica e materna.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

Concluimos que o ato de conciliar maternidade, universidade e o ser mulher se apresenta como a maior de todas as experiências. É impossível tratar de ações que toquem sem citar o gerar a vida, citar a possibilidade de parar o tempo Chronos sem imaginar o abraçar um filho, parar para sentir, olhar, ouvir, sem trazer ao pensamento o coração que

bateu no ventre desta mãe e hoje por extensão bate no ecoar do vento. Demorar-se nos detalhes, nos detalhes mínimos, do rosto do filho, para que jamais se esqueça do que vê ali. E quem mais além de mãe é mestra na arte de suspender-se, mãe se aniquila, mãe supera suas vontades, seus sonhos, pelo filho, sem pressa, com calma, na lentidão de quem em seu coração sabe que no piscar e contra sua vontade, sua criança já cresceu e este mundo a conquistar é todo seu. Que as mulheres tenham oportunidade, que seus direitos sejam divulgados e respeitados, que com filho no colo, perseverança na alma, sorriso no rosto e sonhos em mente ocupe todos os lugares e faça sua voz ser ouvida, somos mulheres, somos mães e somos acadêmicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Julgamos importante destacar neste momento que a partir do entendimento que uma pesquisa não tem fim e que mesmo havendo modificações seu objeto de estudo continuará a existir não consideramos este como um final. Mas sim como uma contribuição acerca da temática, com resultados concretos de que estes dados precisam se tornar conhecidos e unidos a outras produções serem discutidos, pois as mulheres mães continuarão a ingressar na universidade e este espaço precisa se tornar lugar, que acolha, respeite e com no qual estas se identifiquem.

Destacamos que nossa pesquisa obteve resposta para nossa questão problema: *Como se dá a ocorrência da trajetória de mulheres-mães?*. Concluimos que a trajetória universitária destas mulheres ocorre em meio à situações de adversidade, que se iniciam desde o acesso e que tendem a se fortalecer na permanência, a qual esbarra em um processo histórico de exclusão e silenciamento. A universidade acaba assim por perpetuar este coportamento de invisibilidade, seja pela inexistência de políticas públicas voltadas especificamente as necessidades comuns à maternidade, seja na ausência de práticas pedagógicas docentes que incluam e respeitem as especificidades destas mulheres-mães.

Percebemos que as mulheres-mães que estão inseridas na universidade apresentam perfis e características diversas, assim como seus filhos. Sobre isto destaca-se também que tanto a quantidade de filhos, quanto as idades destes no momento de ingresso das mulheres-mães na universidade influenciam diretamente no fator permanência e participação nas atividades acadêmicas no ambiente universitário, as dificuldades são maiores para mães com mais de um filho e com idades menores que 6 anos.

Neste sentido, merece ênfase a importância da existência da rede de apoio. Que como visto pode se caracterizar pelos pais, avós, irmãs, entre outros. Garantindo cuidado aos filhos de mães universitárias enquanto estas desempenham suas funções na universidade, tentando por minimizar as dificuldades da conciliação da maternidade e das funções acadêmicas.

Neste contexto, é papel da universidade pensar e elaborar políticas que garantam desde o acesso, inclusão, até a permanência destas mulheres neste espaço acadêmico. É notório a partir dos relatos das mulheres o impacto positivo que apresentam as políticas de assistência estudantil, como o auxílio permanência e as bolsas de iniciação científica, proporcionando a permanência, a vivência e a experiência da universidade como um todo.

Concomitantemente as mães destacam a necessidade da adaptação e criação de espaços físicos para acolher mães e filhos e suas demandas, como creches, brinquedotecas e espaços de lazer.

Considerando os fatos apontados pelas mulheres-mães em momentos vividos ou presenciados envolvendo o ser mãe e atitudes de docentes na universidade, é indispensável destacar a necessidade de investimentos na conscientização destes profissionais para as questões da maternidade. Trazendo à luz da academia as discussões das necessidades das mães e de seus filhos, a fim de incluir em seus planejamentos e práticas pedagógicas e didáticas tais demandas.

Concluimos assim que esta mulher já se encontra inserida no espaço acadêmico, que leva em si como característica marcante o ser mãe e merece que suas necessidades sejam atendidas e olhadas de fato pela instituição e pelos profissionais que fazem parte desta. Que ao chamar este lugar de seu, sintam-se parte deste de fato e que possa compartilhar com seu filho o percorrer desta trajetória, que para uma mulher-mãe se transforma de individual em uma trajetória coletiva, de outras mães e também dos seus filhos, pois uma mãe nunca está só, uma mãe nunca é sozinha.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nanda. **Reflexões, poemas, e músicas que nos auxiliam alcançar o Amor que há em cada um de nós.** Jan 29, 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/nandacuraenergetica/>> acesso em 25 nov. 2021
- AQUINO, E. M. **Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca de equidade.** In: HEILBORN, et al. (Org.). Sexualidade, reprodução e saúde. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009. p.57-72.
- BARDIN, L. (2010). **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70 (Trabalho original publicado em 1977).
- BAQUERO, R. V. A. (2005). **Empoderamento: questões conceituais e metodológicas.** Revista Debates, 1(1), Núcleo de Pesquisas sobre a América Latina/UFRGS, Porto Alegre.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** São Paulo: Difel/Difusão Editorial S.A., 1975.
- BENEDITO, Fabiana de Oliveira. **Intrusas: uma reflexão sobre mulheres e meninas na ciência.** Cienc. Cult. vol.71 no.2 São Paulo Apr./June 2019 Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602019000200003>> acesso em: 20 set. 2021.
- BITENCOURT, S. M. **Candidatas à ciência: a compreensão da maternidade na fase do doutorado.** Florianópolis, SC, 2011. 344p.: Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.
- BITENCOURT, S. **Maternidade e Universidade: desafios para a construção de uma igualdade de gênero.** Anais do 41º Encontro Anual da Anpocs, de 23 a 27 de outubro de 2017, em Caxambu - MG. ISSN 2177-3092.
- BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES.** Diário Oficial, Brasília, DF, 20 jul. 2010.
- BRASIL. Lei nº 6.022 de 17 de abril de 1975. **Atribui a estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo decreto-lei nº 1.044 de 1969 e dá outras providências.** Diário Oficial, Brasília, DF, 17 abril.1975.
- BRITO, R. C.; KOLLER, S. H. **Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo.** In: CARVALHO, Alysson Massote (org.). **O mundo social da criança: natureza e cultura em ação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- BRUSCHINI, C. **Trabalho feminino: trajetória de um tema, perspectivas para o futuro.** CIEC - Estudos Feministas, Rio de Janeiro, ano 2, n.1, 1º semestre/1994, p.17-32.
- CAETANO, M. **Performatividades reguladas: heteronormatividade, biografias e educação.** Curitiba: Appris, 2016.
- CHAUÍ, M. S. **A universidade pública sob nova perspectiva.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n.24, pp.5-15. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000300002>>. Acesso em: 19 set. 2021.

- CRAMER, Luciana. PAULA NETO, Alcilis de. SILVA, Áurea Lucia. **A Inserção do Feminino no Universo Masculino: Representações da Educação Superior.** Organizações e Sociedade. Salvador, v. 9, n. 24, maio/junho, 2002.
- CURY, C. R. J. **Políticas inclusivas e compensatórias na educação básica.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo. v. 35, n. 124, p. 11-32, jan. / abr., 2005
- DAMKE, Ilda Righi. **O processo do conhecimento na pedagogia da libertação: as idéias de Freire, Fiori e Dussel.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em:
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4711.pdf>> Acesso em: 18 set. 2021.
- FREIRE, P., FAGUNDEZ, A. (1985). **Por uma Pedagogia da Pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, p.595-609, set./dez. 2007.
- LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação.** n.19. Jan/Fev/Mar/Abr 2002. P. 20-28. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2021.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista.** Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1987, p. 14-36.
- MENEZES, R. S. et al. (2012). **Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos.** En *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 20, n. 21, p. 23-47. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v20n21/03.pdf>> Acesso em: 25 agos. 2021.
- MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 19. Petrópolis: Vozes, 2001.
- OLMOS, Ana. Empatia: algumas reflexões. In: INSTITUTO ALANA. **A Importância da Empatia na Educação.** São Paulo: Ashoka, 2015.
- PAULA, M. F. **As políticas de democratização: do acesso ao ensino superior do governo Lula.** Revista Advir, nº 23, 2009.
- PEREIRA, L. **O magistério primário numa sociedade de classes: estudo de uma ocupação em São Paulo.** São Paulo: Pioneira, 1963.
- PEREIRA, P. A. **Discussões conceituais sobre política social como política pública e direito de cidadania.** In: BOSCHETTI, Ivanete et al. **Política Social no Capitalismo: tendências contemporâneas.** São Paulo: Cortez, 2008.

PIOVESAN, F. **Ações Afirmativas da Perspectiva dos Direitos Humanos**. Cadernos de Pesquisa, v.35, n.124, p.43-55, jan/abr 2005.

RAMOS, G. S. **Leitura feminista da história das mulheres no Brasil**. Revista Estudos Feministas, v.21, n.3, p.1232-5, dez. 2013.

RAUPP, M. D. Creches nas universidades federais: questões, dilemas e perspectivas. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 86, p. 197-217, abril, 2004.

REZENDE, G. C.V. **Fatores que influenciam as mulheres à maternidade: construto biopsicossocial ou escolha ética?**. 4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016. ISSN 978-85-61447-05-2.

Disponível em:

<<<http://cressmg.org.br/hotsites/Upload/Pics/cc/cc1b4f7a-0f95-4eea-860275ce0fa17be9.pdf>. Acesso em: 5 agos. 2021.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987

SCAVONE, L. **A maternidade e o feminismo**: diálogo com as ciências sociais. Cadernos Pagu, São Paulo, n. 16, p. 137-150, 2001.

SILVEIRA, M. M. da. **A Assistência Estudantil no Ensino Superior**: uma análise sobre as políticas de permanência das universidades federais brasileiras. Dissertação de mestrado em Política Social, Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2012.

SOUZA, Alinaldo Faria de. **Entre a reclusão e o enfrentamento: a realidade da condição feminina no Espírito Santo a partir dos autos criminais (1845-1870)**: desmistificando estereótipos. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2007. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/387138/entre-a-reclus%C3%A3o-e-o-enfrentamento---pr%C3%B3> Acesso em: 20 ago. 2021

SOUSA, F. S. de. **Os desafios para a implantação e implementação da política de assistência estudantil no IFMT**. V Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís/Maranhão. Agosto/2011.

SOUZA, Regis Glauciane Santos de; SARDENBERG, Cecília Maria B. **Visibilizando a mulher no espaço público: a presença das mulheres nas universidades**. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., 2013. Anais... Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-13.

TÁBOAS, Ísis Dantas Menezes Zornoff. **Diga-me, quem te deu o direito soberano de oprimir meu sexo?": a afirmação histórica dos direitos das mulheres**. O Direito Alternativo, v. 1, n. 1, p. 258-280, agosto 2011.

TORTATO, C. S. B.; CARVALHO, M. G. (2016). **Empoderamento, gênero e educação**. En: CASAGRANDE, L. S.; LUZ, N. S. (Org.). *Entrelaçando gênero e diversidade*: enfoques para a educação. Ed. UTFPR, Curitiba, p. 135-166.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **EDITAL PARA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL 2016.1**. Disponível em:

<<https://www.ufpe.br/documents/38966/211749/Edital+de+Assist%C3%Aancia+2016.1/b672d89d-a751-41d2-bb04-be46b35dc417>> Acesso em: out. 2021.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade - vida universitária.** Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras, vol. 3 (2) 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Questionário Google Forms utilizado como instrumento de coleta de dados



Questionário Pesquisa TCC: Como flor e fruto de cacto em meio a seca a desabrochar- O poder de resiliência e persistência de mulheres-mães- universitárias no cursar Pedagogia na UFPE - CAA

Pretendemos a partir deste questionário compreender a trajetória de 5 mulheres/mães enquanto universitárias, desde o acesso, evidenciando os desafios e obstáculos enfrentados neste momento, assim como na permanência, enfatizando a ausência de políticas públicas de acolhimento e inserção tanto destas mulheres quanto de seus filhos no espaço do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco Centro Acadêmico do Agreste e a necessidade de compreensão da importância da formação acadêmica para estas mulheres, enquanto sujeitas de suas vidas, enquanto sujeitas da sociedade, enquanto produtoras de conhecimentos diversos e enquanto exemplos para aqueles que gerou e apresentou ao mundo. Elas são pedagogas, são cactos, são universitárias, são flores, são mães, são frutos, elas são mulheres!

<p>Nome: *</p> <p>Texto de resposta curta</p>
<p>Idade: *</p> <p>Texto de resposta curta</p>
<p>Estado Civil *</p> <p><input type="radio"/> Solteira</p> <p><input type="radio"/> Casada</p> <p><input type="radio"/> Em união estável</p> <p><input type="radio"/> Divorciada</p> <p><input type="radio"/> Separada</p> <p><input type="radio"/> Viúva</p>
<p>Com quem você mora? *</p> <p><input type="radio"/> Pais + filhos</p> <p><input type="radio"/> Marido + filhos</p> <p><input type="radio"/> Sozinha + filhos</p> <p><input type="radio"/> Irmãos + filhos</p> <p><input type="radio"/> Avós + filhos</p> <p><input type="radio"/> Sogros + marido + filhos</p> <p><input type="radio"/> Pais + marido + filhos</p> <p><input type="radio"/> Outros...</p>
<p>Você tem emprego formal? *</p> <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p>

Curso: *

Texto de resposta curta

Ano que Ingressou na Universidade: *

Texto de resposta curta

Já ingressou na Universidade sendo mãe? *

Sim

Não

Ano que se tornou mãe: *

Texto de resposta curta

Quantos filhos você tem? *

1

2

3

4

5

6 ou mais

⋮

Qual a idade dos seus filhos? *

Menores de 1 ano

1 a 3 anos

3 a 5 anos

5 a 10 anos

- 10 a 15 anos
- 15 a 20 anos
- Maioria maiores que 20 anos
- Outros...

Houve alguma dificuldade para ingressar na Universidade? *

- Não houve dificuldades
- Tempo
- Distância
- Financeira
- Demandas Familiares (o cuidado com os filhos)
- Outros...

Qual a maior dificuldade encontrada para efetivar sua permanência na Universidade?

- Tempo (Conciliar demandas da Universidade com as demandas maternas)
- Financeira (Conciliar demandas da Universidade, do trabalho e as demandas maternas)
- O cansaço (Conciliar demandas da Universidade, do trabalho e as demandas maternas)
- A não existência de rede de apoio (para garantir os cuidados com o/os filho/os enquanto se estar na Univ...
- A não existência de políticas e espaços de acolhimento para mães e seus filhos no Centro Acadêmico do ...
- Outros...

Na Universidade você participou de projetos de extensão? Realizou atividades complementares *
como monitoria de disciplinas?

Texto de resposta longa

Na Universidade você foi beneficiada por alguma política de inclusão de acesso e/ou
permanência voltadas para mães? Se sim, qual? *

Onde (ou com quem) seu(s) filho(s) fica(m) enquanto você está na Universidade? *

Texto de resposta longa

...

O ser mãe tornou a sua trajetória educativa/formativa na universidade mais difícil? Lhe impediu * ou tornou mais complicada a participação em algum projeto de extensão ou produção acadêmica ou trabalhos disciplinares que você julgava importante para sua formação enquanto pedagoga? Justifique.

Texto de resposta longa

Enquanto mãe você sente/sentia o CAA um espaço de acolhimento e cuidado para com você e * seu filho?

Sim

Não

Enquanto mulher/mãe você já vivenciou/presenciou alguma atitude/ação de desrespeito de algum professor/aluno para com uma mãe/criança no espaço do CAA? *

- Sim
- Não

Gostaria de nos relatar sua experiência e enquanto pedagoga nos dizer o que considera que deveria ter sido feito diferentemente na situação citada acima?

Texto de resposta longa

Sendo o curso de Pedagogia da UFPE- CAA um curso que lida diretamente com o estudo da infância e de suas diversas características, assim como da importância do meio em que a criança vive para sua aprendizagem você considera o curso preparado para receber, acolher e lidar com mulheres mães e seus respectivos filhos no espaço do Campus? *

- Sim
- Não

Pensando nas mães que ainda ingressarão no curso de Pedagogia CAA há alguma demanda que você considera importante/indispensável naquele espaço para que se torne um espaço acolhedor ou mais acolhedor para mãe/filhos? *

Texto de resposta longa

Qual o maior benefício já adquirido ou almejado com o concluir da graduação em Pedagogia? *

- Pessoal (mudou/ despertou algo novo em você que lhe modificou de alguma forma, enquanto mulher/mãe)
- Social (lhe fez perceber algo novo, modificar sua visão para com o outro)
- Político (lhe oportunizou uma visão política fundamentada)
- Profissional (lhe garantiu a profissionalização e era isso que você mais almejava)
- Financeiro (lhe garantiu uma opção de emancipação financeira/sustento/ provento para você e sua família)
- Outros...

Justifique a resposta acima *

Qual impacto/importância/benefício dos conhecimentos produzidos/adquiridos na graduação * durante sua formação para quem você é no aspecto pessoal-mulher/materno-mãe/acadêmico-profissional/pedagoga?

Texto de resposta longa

Defina o sentimento/ser mulher/mãe e universitária em uma palavra *

Texto de resposta curta

...

A você toda minha gratidão por sua participação e contribuição para esta pesquisa, que possamos nos conhecer, fortalecer e estarmos juntas na luta e conquistas para nós e os nossos, que são e que virão, gratidão!



APÊNDICE B- Tabela de dados coletados a partir do questionário do Google Forms

1- Nome	Violácia	Rebutia	Sianinha	Flor de Maio
1. Idade	34	39	24	58
2. Estado Civil	Casada	Casada	União Estável	Casada
3. Com quem você mora?	Marido e Filhos	Marido e filhos	Marido e filhos	Marido e filhos
4. Trabalho ou formalmente durante a graduação	SIM	NÃO	NÃO	SIM
5. Curso:	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia
6. Ano que ingressou na Universidade:	2014	2017	2016	2016
Ano que se tornou mãe:	2015	2009 e 2020	2015	1985
Já ingressou na Universidade sendo mãe?	NÃO	SIM	SIM	SIM
Quantos filhos você tem?	2	2	1	5
Qual a idade dos seus filhos?	5 e 3 anos	12 e 1 ano	6 anos	14 à
Houve alguma dificuldade para ingressar na Universidade?	NÃO	Demandas familiares	Para o ingresso em si não, mas a permanência sim, a dificuldade de ter alguém para deixar minha bebê e financeira.	Demandas familiares
Qual a maior dificuldade encontrada para			Considero que as maiores dificuldades que	O cansaço (Conciliar demandas da

efetivar sua permanência na Universidade?	Tempo (Conciliar demandas da Universidade com as demandas maternas)	Limita minha vivência e a frequência	tive, encontraram-se nos 3 primeiros pontos. Tempo, Financeira e Cansaço, mas consegui chegar a reta final. O auxílio estudantil me ajudou DEMAIS permanecer na universidade e pude conseguir dedicar mais tempo aos estudos e ter condições de ir e vir principalmente no início da minha graduação	Universidade, do trabalho e as demandas maternas)
Na Universidade você participou de projetos de extensão? Realizou atividades complementares como monitoria de disciplinas?	Sim, todas antes dos meus filhos nascerem.	Sim, sobretudo nesse período de ensino remoto, que possibilitou conciliar.	Sim, bolsista PIBIC - 3 Anos.	NÃO
Na Universidade você foi beneficiada por alguma política de inclusão de acesso e/ou permanência voltada para mães especificamente? Se sim, qual?	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Na Universidade você foi	NÃO	NÃO	Recebi o auxílio permanência	Sim, eu recebia o

<p>beneficiada por alguma política de inclusão de acesso e/ou permanência? Se sim, qual?</p>			<p>desde o início da graduação e isso me ajudou muito na permanência na UFPE</p>	<p>auxílio permanência que era muito importante, pois servia para pagar transporte, medicação e também comprar alguma roupa para ir para Universidade.</p>
<p>Onde (ou com quem) seu(s) filho(s) fica(m) enquanto você está na Universidade?</p>	<p>Minha mãe e minha sogra</p>	<p>O pai, quando está em casa no horário e com avós</p>	<p>Geralmente com familiares no início, após conseguir o PIBIC pagava um valor para que uma pessoa pudesse cuidar dela durante a noite quando estava em aula.</p>	<p>Com suas irmãs</p>
<p>O ser mãe tornou a sua trajetória educativa/formativa na universidade mais difícil? Lhe impediu ou tornou mais complicada a participação em algum projeto de extensão ou produção acadêmica ou trabalhos disciplinares que você julgava importante para sua formação enquanto</p>	<p>Eu não diria mais difícil, mas fica um pouco mais complicado, pois a minha primeira gestação foi no período do surto da zika vírus e chikungunya. como na UFPE tinha muitos mosquitos, solicitei acompanhamento especial mas a universidade negou, disse que esse acompanhamento só atende às mães que os bebês já nasceram, eu expliquei que o</p>	<p>Sim, em virtude das demandas que a maternidade exige, contudo aproveito o tempo que tenho alguma disponibilidade para cumprir com as demandas acadêmicas, mas não é fácil. Fiz parte do PIBIC, mas só consegui me manter na atividade por 1 ano, tendo em vista que fiquei sobrecarregada, conciliar o tempo foi difícil. Também não pude cumprir</p>	<p>Sim, com certeza. Não me impediu mas tornou-se mais complicada sim, infelizmente lembro alguns momentos que não consegui comparecer a grupos de estudo e reuniões diurnas pois só teria alguém para ficar com ela a noite. Porém, sinto que consegui me dedicar ao máximo, pois como recebia as</p>	<p>SIM</p>

<p>pedagoga? Justifique.</p>	<p>campus tinha uma enorme quantidade de mosquitos e eu não me sentia segura, tinha medo da minha filha nascer com alguma sequela, decidi por bem trancar o período para me resguardar durante a gestação, quando minha filha nasceu eu solicitei acompanhamento especial, separei as disciplinas que queria, a maioria das professoras já haviam concordado em me atender no acompanhamento, quando uma das professoras me procurou e disse que eu não tinha condições de cursar as disciplinas que coloquei que eram muito pesadas, ela me colocou um medo tão grande que eu acabei cedendo à pressão dela. Mas me arrependi, mas com as demandas da minha filha recém nascida acabei perdendo o prazo de solicitar o acompanhamento e também já havia acontecido algumas aulas, uma das professoras da</p>	<p>todos os componentes curriculares de cada período, porque não era possível estar todos os dias na Universidade, uma vez que dependo de terceiros para cuidar das crianças, além da despesa.</p>	<p>bolsas levei a faculdade como um trabalho e consegui conciliar as despesas e formação acadêmica ao longo dos períodos.</p>	
--	---	--	---	--

	<p>disciplina que eu tinha escolhido me procurou, tentou me convencer a voltar e me ajudar, mas eu já tinha perdido aulas, já me sentia atrasada que não conseguiria acompanhar, minha filha demandava muito de mim, porque não ficava com ninguém então achei melhor desistir de tentar o acompanhamento, tranquei por mais um ano e meio e ainda assim quando voltei era bem complicado.</p> <p>Quando eu não tinha filhos podia me dedicar integralmente à universidade, participar dos eventos, mas agora eu não teria como participar de todos os eventos como eu gostava de participar antes.</p> <p>Hoje eu tenho a responsabilidade de realizar atividades com os meus filhos que não me permitem desenvolver as atividades acadêmicas como eu gostaria.</p>			
--	--	--	--	--

Enquanto mãe você sente/sentia o CAA um espaço de acolhimento e cuidado para com você e seu filho?	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO
Enquanto mulher/mãe você já vivenciou/presenciou alguma atitude/ação de desrespeito de algum professor/aluno para com uma mãe/criança no espaço do CAA?	SIM	SIM	NÃO	SIM
Gostaria de nos relatar sua experiência e enquanto pedagoga nos dizer o que considera que deveria ter sido feito diferentemente na situação citada acima?	Eu pedi acompanhamento especial do meu filho quando ele nasceu, a maioria dos professores são bem receptivos, uma das professoras foi um amor, ela marcava aula só comigo, era sempre muito paciente, cheguei a levar meu bebê várias vezes comigo porque ele ainda mamava, mas um dia eu levei meu filho para a faculdade, porque eu não podia faltar mais, eram permitidas 3 faltas e eu já tinha faltado 2 porque ele estava doente nesses dias	Ouvi uma colega pedir para uma professora rever suas faltas e a ausência do cumprimento de uma atividade porque não teve com quem deixar suas duas crianças em alguns momentos, tendo que faltar, e a professora irredutível, sem abertura para pensar possibilidades outras de considerar essa subjetividade alegou que não casou, nem teve filhos porque a vida é feita de escolhas, que	Nunca presenciei nenhuma relação de desrespeito a crianças, porém, sinto que uma parte dos professores por não serem pais, não compreendem as dificuldades que enfrentamos para estar ali diariamente.	Minha filha foi retirada da sala de aula, criando uma situação constrangedora para a criança, eu já era acostumada a levar ela nas aulas de outras disciplinas e os professores nunca falaram nada, ela até participava, mas nesse dia a professora colocou ela pra fora da sala. Isso me travou na disciplina dela, só consegui pagar agora no período remoto

	<p>anteriores com febre, ele estava com a gengiva inchada, início do nascimentos dos dentes, então ele ficava com a minha mãe a noite pra eu ir às aulas, mas teve vezes de eu só chegar na universidade e minha mãe ligar pra mim dizendo pra voltar porque ele estava chorando inconsolável e quando os filhos estão assim só querem a mãe, que no caso era eu, então não queria ficar com ninguém. Então nesse dia eu levei ele pra universidade a professora não gostou, ficou incomodada com o choro dele e me olhando de cara feia, ela só não pediu pra eu sair da sala. Naquele dia eu deveria ter ficado em casa e não ser computada a minha falta. Agora nas aulas remotas os professores já sabem, as vezes eu quero participar, quero abrir o áudio mas é bem complicado com</p>	<p>precisamos ver as prioridades, e que quem decide estudar tem que abrir mão de algumas coisas, passando a ideia de que a vida acadêmica não é para as mães, ou mesmo que devemos abandonar nossas responsabilidades de mãe em detrimento de uma exclusividade a vida acadêmica, foi uma experiência que considerei contraditória diante de um discurso inclusivo, de alteridade, de pensar a partir da práxis, considerando as especificidades, me fez pensar que a universidade corrobora para negar esse espaço as mães, uma vez que precisamos nos enquadrar a um molde existente, pela ausência de propostas/ alternativas outras, como horário do curso,</p>		
--	--	---	--	--

	<p>eles, quando eles estão dormindo é tranquilo, mas é bem complicado pra apresentar trabalho por exemplo, ou eu tenho que ficar sozinha em casa e meu marido levar ele pra casa das avós ou eu ir pra casa da minha mãe ou então eu não consigo. Então quando você é mãe é totalmente diferente, porque quando eu não tinha filhos que ingressei na universidade, eu vivia realmente a universidade, participava de tudo que era seminário, pesquisa eu ia pra outras cidades realizar pesquisas, então era muito bom, mas eu não sou uma mãe que entrega o filho o dia todo e deixa eles, onde eu estou eu gosto que eles estejam também, aí não dá mais pra participar dos eventos da universidade, não tem como, têm oportunidades pra quem quer fazer mestrado/doutorado fora pra mim não</p>	<p>espaço para os filhos, etc....</p>		
--	--	---------------------------------------	--	--

	tem como. Pra quem é mãe na Universidade, mãe e pai também, mas a responsabilidade maior culturalmente é sobre a mãe, é bem complicado você conciliar o ser mulher, mãe, que trabalha que cuida dos filhos, da casa, do marido, é bem complicado.			
Sendo o curso de Pedagogia da UFPE- CAA um curso que lida diretamente com o estudo da infância e de suas diversas características, assim como da importância do meio em que a criança vive para sua aprendizagem você considera o curso preparado para receber, acolher e lidar com mulheres mães e seus respectivos filhos no espaço do Campus?	NÃO	NÃO	SIM	SIM
Pensando nas mães que ainda ingressarão no curso de Pedagogia CAA há alguma demanda que	Sim ter um acompanhamento especial com as mães	Sim, uma política de auxílio-permanência, pensando educação como direito, não basta dar acesso, tem	Acho que é um espaço acolhedor, nunca precisei levar minha filha a faculdade, mas	Uma creche para acolher as crianças que a mãe não tem como deixar.

<p>você considera importante/indispensável naquele espaço para que se torne um espaço acolhedor ou mais acolhedor para mãe/filhos?</p>		<p>que pensar a permanência, com a criação de espaço para as crianças, disponibilizar o curso oi ofertar disciplinas em outros horários, além do período noturno, horário que não tem escola, creche, e nem sempre a rede de apoio tem disponibilidade para cuidar. Além da importância de que alguns professores pratiquem o que pregam, o olhar ao outro e as suas subjetividades, não limitar a possibilidade de permanência pela ausência de uma prática flexível e dialógica.</p>	<p>sinto que se preciso fosse eu levaria sem receio ao ambiente ou as pessoas.</p>	
<p>Qual o maior benefício já adquirido ou almejado com o concluir da graduação em Pedagogia?</p>	<p>Profissional (lhe garantiu a profissionalização e era isso que você mais almejava)</p>	<p>Além do fato de contribuir com a formação de minha criticidade e de pensar meu direito diante de algumas pautas, como por exemplo a que estamos tratando aqui.</p>	<p>Pessoal (mudou/ despertou algo novo em você que lhe modificou de alguma forma, enquanto mulher/mãe</p>	<p>Pessoal (mudou/ despertou algo novo em você que lhe modificou de alguma forma, enquanto mulher/mãe)</p>
<p>Justifique a resposta acima</p>	<p>Concluir a graduação é só o começo, quero fazer mestrado e doutorado também.</p>	<p>Visão de mundo mais ampla, consciência do direito e reconhecimento</p>	<p>Em minha família a graduação (para mim, mãe aos 18 anos) era</p>	<p>Entrar na Universidade pública era realização de um sonho,</p>

	e com isso poder dar possibilidades de acesso a uma educação de melhor qualidade, oferecendo para meus filhos oportunidades que eu não tive.	do meu espaço e do outro, perspectiva de atuar em prol de contribuir com o desenvolvimento de outras pessoas a partir dos conhecimentos que estou constituindo.	algo que seria dificilmente almejado, então considero pessoal, uma vez que me despertou o quão capaz eu sou de conquistar muitas coisas as quais eu ainda almeje.	então tudo mudou.
Qual impacto/importância/benefício dos conhecimentos produzidos/adquiridos na graduação durante sua formação para quem você é no aspecto pessoal-mulher/materno-mãe/acadêmico-profissional/pedagoga?	Fazer parte da universidade federal abriu meus conhecimentos em relação a minha visão de mundo. como mãe, mulher e professora os diálogos que foram desenvolvidos me fizeram ter mais empatia a buscar conhecer o outro em todos os sentidos.	Foram muitas, principalmente em relação a minha atuação no desenvolvimento e formação das minhas filhas, perceber o tempo, as subjetividades, as dificuldades e poder contribuir com a melhoria e desenvolvimento das mesmas, com mais consciência. Além de reconhecer limites, meu e das pessoas com quem convivo	Acredito que a graduação me fez perceber que devo me colocar no lugar da criança por muitas vezes , que a minha "razão" as vezes não faz sentido nenhum para ela, rrsrrs. Mas ter acesso a um conhecimento de qualidade e a estudos que resultaram em teorias acerca das crianças e seu modo de ser e se expressar sem dúvidas me ajudou a ser uma mãe, mesmo que imperfeita, melhor.	A graduação se tornou ...
Defina o sentimento/ser mulher/mãe e universitária em uma palavra	Perseverança	Perseverança	Possível!	Agradecimento

